

GEOGRAFIA E SEUS LUGARES NA SALA DE AULA

Reflexões a partir de uma
sequência pedagógica e avaliativa



AUTOR: MARCO ANTONIO TAVARES PINTO
COAUTOR: LINCOLN TAVARES SILVA

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CAP/A

P659 Pinto, Marco Antonio Tavares

Geografia e seus lugares na sala de aula / Marco Antonio Tavares Pinto;,
Lincoln Tavares Silva. - 2021.

56 p. : il.

Produto originado da dissertação do PPGEB – CAp/UERJ.
ISBN: 978-65-88405-35-2.

1. Geografia - Estudo e ensino - Teses. 2. Ambiente de sala de aula -
Teses. 3. Estudantes - Teses. I. Silva, Lincoln Tavares. II. Título.

CDU 372.891

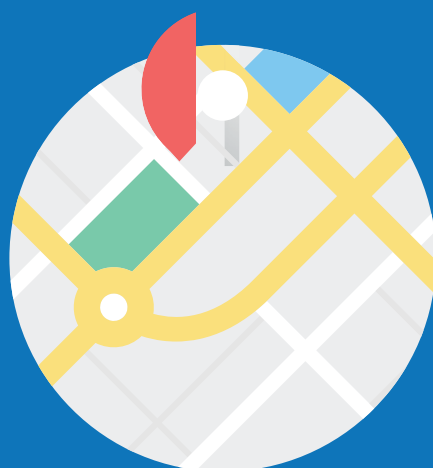
Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação.

Assinatura

Data

GEOGRAFIA E SEUS LUGARES NA SALA DE AULA

Reflexões a partir de uma
sequência pedagógica e avaliativa



Sumário

1	APRESENTAÇÃO	02
2	QUE LUGAR É ESSE? A TEORIA PRATICADA EM ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE ENSINO	04
3	GEOGRAFIA, ESCOLA E... AVALIAÇÃO: UM CONVITE AO EDUCANDO	07
4	LUGAR, PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO: DOS TEMAS GEOGRÁFICOS À SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A SALA DE AULA	16
5	DA SALA DE AULA PARA O MUNDO: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A CARTOGRAFIA ESCOLAR	21
6	MAPAS TEMÁTICOS E OS FENÔMENOS NATURAIS NOS DIFERENTES LUGARES DA TERRA	30
7	SIGNIFICANDO O APRENDIZADO: POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DA SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA E AVALIATIVA A PARTIR DO OLHAR DOS ESTUDANTES	40
8	INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS	51
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53

1 APRESENTAÇÃO

O livro mostra uma experiência pedagógica e avaliativa em escola da rede pública municipal do Rio de Janeiro. Fruto de uma pesquisa sobre ensino humanístico de Geografia e a concepção de lugar na ressignificação da sala de aula, possui também elementos que podem ser adaptados para outras disciplinas. Isso porque, além dos temas geográficos, as abordagens pedagógicas valorizam os aspectos socioemocionais presentes no cotidiano escolar.

Ademais, se destina a docentes das redes pública e privada de ensino que considerem válida a ampliação do diálogo entre educadores e educandos. Com base nessa premissa, o percurso contou também com a perspectiva dos estudantes para desenvolver e realizar propostas pedagógicas e avaliativas compatíveis com o seu entendimento.

A opção pelo “lugar” deriva da busca por essa compatibilidade, mesmo que, inicialmente, apenas no diálogo. Por parecer tão simples e cotidiano, o termo lugar poderia ser subestimado sob uma análise superficial, entretanto, foram justamente essas características que se mostraram valiosas para dar ênfase ao olhar dos estudantes sobre a escola e sobre as relações que ali se estabelecem, utilizando o Ensino de Geografia. Além disso, deu suporte à abordagem dos temas socioemocionais através do compartilhamento de experiências escolares.

Sob um ponto de vista “geográfico-pedagógico”, o conceito de lugar foi adotado como central na abordagem dos temas a serem apresentados aos educandos no decorrer da Sequência Pedagógico-Avaliativa. Na tentativa de facilitar, ampliar e usufruir do diálogo em

sala de aula, o “lugar” escola – instituição escolar – foi tomado como referência inicial. Posteriormente e de forma contínua, o “lugar” sala de aula também foi abordado, além de outros, devido ao interesse em dialogar sobre os conflitos que nela ocorrem, além de trabalhar com a ideia de escalas de lugar.

Essa escolha leva em conta as palavras de Cavalcanti (2008), quando destaca ser comum a concepção de lugar associada apenas a um ponto do espaço, ou seja, simplesmente um local no Ensino de Geografia. A iniciativa busca estimular alunos e alunas à reflexão sobre seus cotidianos, resgatando histórias vividas e memórias, na tentativa de que sejam capazes de relacionar, inicialmente, tais pensamentos à ideia de lugar. Em seguida, foram agregados outros conceitos fundamentais ao longo do ano escolar, como paisagem, espaço geográfico e território.

De acordo com Callai (2004), o lugar pode ser concebido como espaço construído – geográfico – e resultado da existência das pessoas. Por isso, possui história e símbolos que carregam um pouco de cada indivíduo, sendo a realidade de diversos grupos sociais ao ocupar um dado espaço num determinado tempo. Assim, a vida acontece no cotidiano individual e coletivo, conformando o espaço e dando origem ao lugar. Sendo esse lugar o espaço vivido – realidade – as experiências se renovam constantemente, permitindo considerar o passado e vislumbrar o futuro. A compreensão disto pode vir a resgatar os sentimentos de identidade e de pertencimento, reproduzindo também a si próprio, como sujeito.

Desde o início, o estímulo à manifestação de ideias e pensamentos sobre o tema foi considerado primordial. Por isso, foi importantíssimo trabalhar com o respeito mútuo e a noção de coletivo no prosseguimento do projeto. Acreditamos que essa tarefa não seja tão simples, razão pela qual nos apoiamos em Paulo Freire para lembrar que o autoritarismo e a licenciosidade representam o rompimento do equilíbrio entre autoridade e liberdade. O autoritarismo é a ruptura em favor da autoridade contra a liberdade; e a licenciosidade, a ruptura em favor da liberdade contra a autoridade. [...] Somente nas práticas em que autoridade e liberdade se afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas como também em práticas favoráveis à vocação para o ser mais” (FREIRE, 1997, p. 99).

As representações dos alunos sobre a escola e,

principalmente, a sala de aula, por ser o “palco” para a realização da pesquisa, foram utilizadas como estímulo para dialogar sobre o cotidiano escolar. Os depoimentos serviram de reflexão sobre as diversas relações cotidianas que se estabelecem em sala de aula e na escola, permitindo demonstrar que muitas delas acontecem de forma contínua em nossa sociedade. Conseqüentemente, também ocorrerão de uma maneira mais constante do que os educandos possam imaginar dentro do ambiente escolar, não apenas na relação professor(a) – aluno(a), como também nas relações sociais que estabelecem entre si.

Dada a quantidade de conceitos geográficos a serem apresentados, utilizamos o “lugar” como ponte para a compreensão de outros assuntos. Isso faz com que ele ocupe uma posição de destaque na proposta pedagógica, associando-se à ideia de uma “constelação” de conceitos.

“CONSTELAÇÃO” DE CONCEITOS



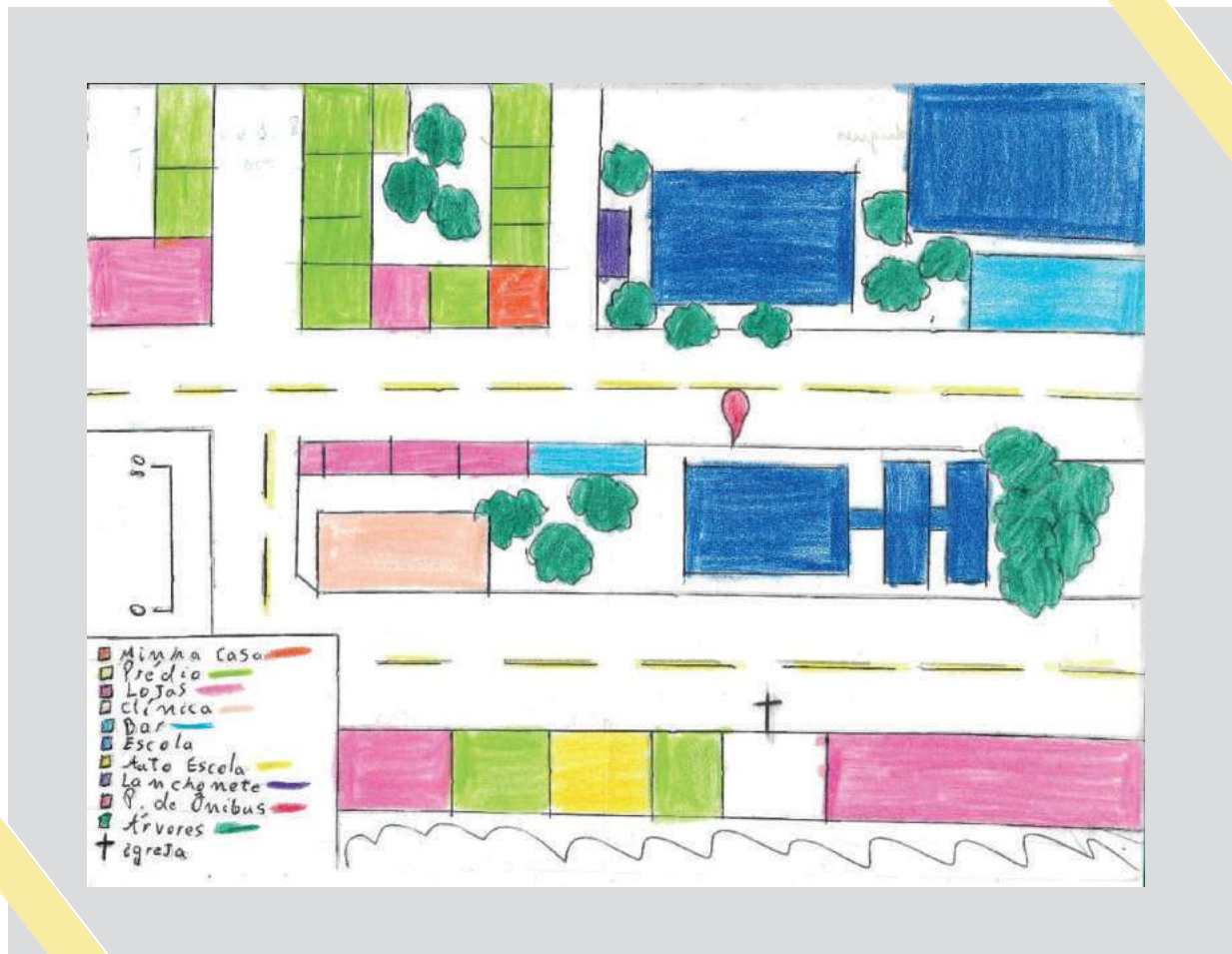
Fonte: Haesbaert, 2014. Adaptado pelo autor.

Esse conceito-chave foi utilizado para a interpretação de questões de ordem geográfica, junto aos alunos, reconhecendo o valor de “um professor que: (i) entenda o conceito como uma construção e não um dado; (ii) seja capaz de operar a partir de conceitos e não de, simplesmente, informar conceitos em sala de aula” (ROQUE ASCENÇÃO; VALADÃO, 2017, p. 11).

Nesse sentido, foi estabelecida uma rotina flexível em relação aos temas curriculares e ao processo avaliativo, dando atenção ao desenvolvimento e às demandas discentes dentro desses aspectos. A divisão da apresentação da proposta em Momentos Pedagógico-Avaliativos – MPA’s – ocorreu na intenção de preservar a referência existente para os estudantes em relação ao ano letivo do sistema avaliativo bimestral adotado pela Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, colaborando para o entendimento e a continuidade da Sequência Pedagógico-Avaliativa.

2

QUE LUGAR É ESSE? A TEORIA PRATICADA EM ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE ENSINO



A Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro é composta por mil quinhentas e quarenta e três unidades escolares. Dentre elas, setecentas e noventa e duas possuem o segmento de Ensino Fundamental II, sendo neste segundo universo que a escola pesquisada se encontra. A pluralidade nessa etapa de ensino pode e deve ser contemplada através da autonomia docente na aplicabilidade do currículo, levando em conta as especificidades de cada escola e localidade. Além disso, é de suma importância que os conhecimentos geográficos complementem as práticas pedagógicas, propondo uma reflexão crítica do conteúdo a partir da realidade vivida pelos estudantes (FANTINATO, 2020).

Assim como todas as outras unidades da rede, a escola onde a pesquisa foi realizada possui algumas características particulares que precisam ser destacadas em um contexto de pesquisa.

Em 2009, ao conhecer a escola, foi possível perceber que a questão disciplinar já se confundia com a própria identidade escolar. A mistura entre normas rígidas e a política de “tolerância zero” sempre foi corroborada por docentes e responsáveis não apenas no cotidiano, como também nas sucessivas reeleições da gestão escolar até aquele momento. Em 2018, ao retornar à escola após cinco anos, o panorama era o

mesmo. Entretanto, os instrumentos de controle haviam se tornado mais eficientes no sentido de passar a ideia de uma escola onde os sujeitos vivem em harmonia e equilíbrio e, ao mesmo tempo, coibir quaisquer ações – discentes e docentes – que viessem a perturbar a ordem vigente. Tudo isso tornou possível compreender que tais mecanismos estavam atrelados à práticas excludentes e silenciadoras, num cotidiano de constante vigilância, com regras impostas a gritos, punições, suspen-

sões e expulsões.

Um dos reflexos dessa dinâmica pode ser percebido na diminuição do quantitativo de estudantes nas turmas de sexto ano. A tabela 1 mostra que no início do ano eram cento e oitenta estudantes, mas apenas cento e quarenta e cinco terminaram o ano letivo com a matrícula ativa na escola. Isso representa a perda de trinta e cinco crianças e jovens, ou seja, praticamente uma turma, ao fim do ano.

<i>Estudantes</i> <i>Turmas</i>	<i>1º Bim.</i>	<i>2º Bim.</i>	<i>3º Bim.</i>	<i>4º Bim.</i>
<i>1</i>	<i>37</i>	<i>35</i>	<i>33</i>	<i>33</i>
<i>2</i>	<i>40</i>	<i>32</i>	<i>35</i>	<i>31</i>
<i>3</i>	<i>35</i>	<i>33</i>	<i>30</i>	<i>26</i>
<i>4</i>	<i>38</i>	<i>35</i>	<i>28</i>	<i>28</i>
<i>5</i>	<i>30</i>	<i>29</i>	<i>29</i>	<i>27</i>
<i>TOTAL</i>	<i>180</i>	<i>164</i>	<i>155</i>	<i>145</i>

Outra característica das turmas, diz respeito à sua enturmação inicial. Apesar de haver uma tendência a agrupar as turmas de acordo com um suposto nível de conhecimento e conduta dos estudantes, essa ação não foi aplicada ao sexto ano nesta unidade escolar.

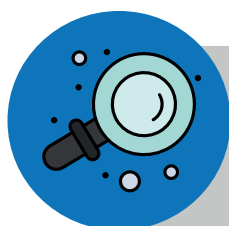


No ano de 2019, a unidade escolar apresentada recebeu estudantes oriundos de escolas do Anil e de Rio das Pedras. Quanto à localização de suas residências, os participantes desta pesquisa vêm de outros lugares além destes, como Gardênia Azul, Cidade de Deus, Taquara e Pechincha.



Inicialmente, consideramos pertinente analisar as experiências e conhecimentos dos estudantes através da abordagem dos elementos trazidos anteriormente por Callai (2010): **a escola, o cotidiano e o lugar**, a fim de dimensionar o contato que cada um teve com a **Geografia** até aquele momento e, a partir daí, trazer exemplos de **representações sobre os temas**.

Para isso, assumimos a missão de fomentar tal debate, estimulando uma série de questionamentos como, por exemplo:



“Para que serve a Geografia?”

“Para que serve a Geografia na/da escola?”

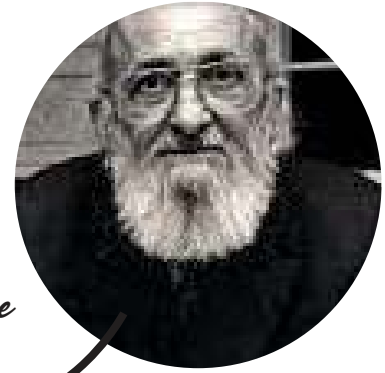
“Para que serve a escola?”

Para tanto, a prática docente foi associada a um saber-fazer em sala de aula que valorize o cotidiano e fomente a fala, colocando esse estudante como parte fundamental na existência e na função da escola. Desta forma, buscamos construir junto aos discentes o valor de sua participação no cotidiano escolar e na construção do “lugar” escola (FREIRE, 2005).

Após os questionamentos iniciais deste capítulo, perguntamos se seria possível uma escola sem alunos? De que serve um professor sem ter para quem ensinar? Foram tentativas de ambientação e reflexão junto a alunos e alunas que, nessa etapa de ensino, vivenciam uma transição em sua trajetória estudantil. O sexto ano é o espaço-tempo da mudança na quantidade de docentes por turma, o que pode gerar certa dificuldade de organização ou acompanhamento para determinados discentes.

As indagações almejam iniciar o debate sobre a importância da participação discente na construção das práticas docentes. Nesse sentido, Tardiff (2000) e Freire (2005) nos lembram que os seres humanos, apesar de suas coletividades, existem como indivíduos e essa questão da individualidade humana está do cerne do trabalho docente. Isso porque, ainda que se trabalhe com grupos de alunos, é preciso atingir a cada um desta coletividade, pois, de fato, quem aprende é o indivíduo.

Além da questão da transparência, assumimos essa posição na tentativa de despertar nos educandos o olhar sobre a importância das pesquisas e da construção de conhecimentos para a escola e para a sociedade.



Paulo Freire



Maurice Tardiff

3

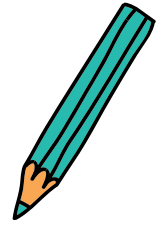
GEOGRAFIA, ESCOLA E... AVALIAÇÃO: UM CONVITE AO EDUCANDO



As três perguntas citadas anteriormente “Para que serve a Geografia?”, “Para que serve a Geografia na/da escola?” ou “Para que serve a escola?” visam explorar as possibilidades de entendimento da Geografia como Ciência Social, sendo utilizadas para chamar o debate sobre o seu papel na sociedade contemporânea. As conversas resultantes dos questionamentos contribuíram no sentido de reconhecer, de forma mais específica, os temas desconhecidos por eles dentro da Geografia, para, assim, verificar quais os principais assuntos a serem revisitados ao longo da Sequência Pedagógico-Avaliativa.

Depoimentos

Sobre Geografia e a Escola



eu tive uma certa dificuldade para entender geografia porque eu nunca tinha ouvido falar em geografia eu também não sabia muito de ciência nem história então pra mim vai mais difícil quando eu começar a entender geografia eu adarei

Eu relativamente não sabia de nada de geografia mas aprendi que a geo-

No quinto ano eu não aprendi muito de geografia.

Quando chego todos começam a estudar, depois quase toda sala dorme, daqui a pouco a sala vira um hospício.

As falas anteriores representavam um grupo considerável de educandos, em todas as turmas. Diante deste fato, a mediação docente ganha ainda mais importância no sentido da contextualização do livro didático em relação aos conhecimentos de referência dos estudantes. Assim, o livro didático foi apresentado na discussão sobre Geografia, escola e sociedade, sendo considerado como uma interpretação geográfica da sociedade. Além disso, contribuiu com nossa intenção de proporcionar uma atenção especial à leitura, devido à sua relação com a participação individual e coletiva nas aulas, bem como a necessidade de desenvolver tal habilidade e a capacidade de interpretação.

Em sala de aula, a concepção de lugar foi trabalhada partir de relatos oriundos da noção trazida pelo livro didático – lugar enquanto uma localização. Posteriormente, apresentamos a noção de lugar na perspectiva de Tuan (1983), Callai (2004) e Carlos (2007), onde o espaço se torna lugar a partir do conhecimento, da experiência, do valor atribuído. Assim, ao relacionar lugar e significado, foi apresentada a ideia de significação e que, através dela, o lugar pode ser concebido não apenas pela vivência, mas também quando obtemos informações – visuais, audiovisuais, verbais, não verbais – sobre determinado espaço ou local.

Como colocado anteriormente, a concepção de lugar foi trabalhada a partir de dois significados principais: o concreto, aquele, teoricamente, mais simples, o lugar como um local; o

espaço servindo como localização de algo ou alguém, como consta no livro didático. Além deste, foi apresentado um outro entendimento sobre o “lugar” dentro da Geografia, aquele que está relacionado ao significado, às experiências e memórias.

Além disso foi ressaltada a naturalidade diante de qualquer dificuldade no entendimento inicial desta concepção de lugar. Mesmo porque, de acordo com a proposta, as conversas sobre a importância do lugar perpassam todo o ano letivo na abordagem de outros temas geográficos a serem desenvolvidos com os estudantes. Assim, refletir sobre cotidiano escolar foi fundamental para valorizar as práticas realizadas em sala de aula.



DEPOIMENTO DE ESTUDANTE SOBRE COTIDIANO EM SALA DE AULA

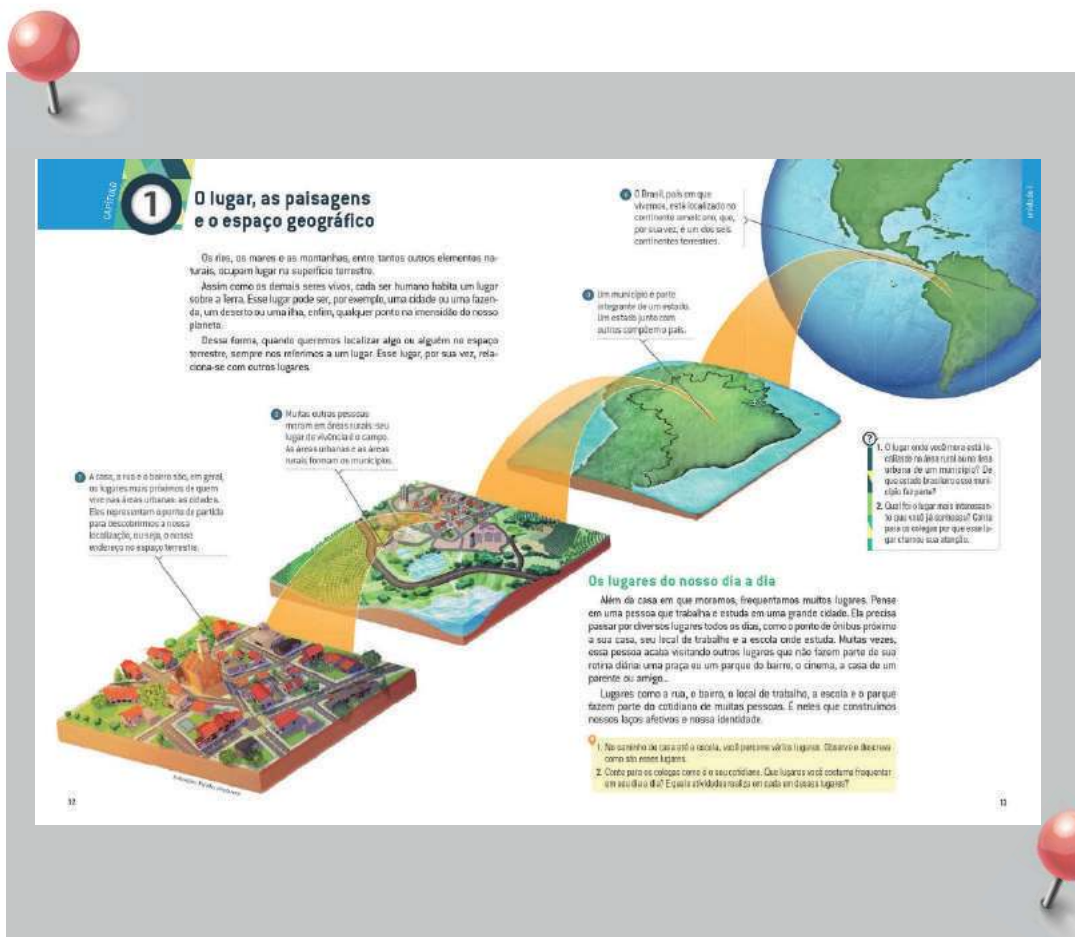
Eu antes era agressivo porque eu perdi meu irmão e um dia a professora conversou comigo quando eu estava no alto para ele tá

Quando chego todos começam a estudar, depois quase toda sala dorme, do que a pouco a sala vira um hospício.

As aulas sempre começam com um pouco de linguagem
Digo sempre um estudo e muito amor entre
alunos

Porque que na maioria dos vezes as aulas
vêm por último porque os alunos
não param de gostar

Tendo em vista a referência adotada pelo livro, o lugar é apresentado somente como localização. Dessa forma, acaba por apontar apenas para uma direção cartográfica, colocando o estudo dos lugares a partir das escalas de lugar sob uma perspectiva micro para macro ou macro para micro, como na imagem abaixo.



Nesse ponto, o lugar associado à localização possibilitou o resgate de habilidades cartográficas referentes a anos anteriores através do trabalho com mapas de diferentes escalas. Por exemplo, a diferenciação entre a cidade do Rio de Janeiro e o estado do Rio de Janeiro, tanto no aspecto cartográfico, quanto em relação às esferas de poder político, foi uma dificuldade encontrada por boa parte dos estudantes.



Ao longo das atividades com mapas, as perguntas e dúvidas ocorreram de forma recorrente sobre o tema. Por isso foram realizadas aulas expositivas e atividades com mapas, além de um projetor visual para utilizar a ferramenta digital Google Maps, visando ampliar as possibilidades de compreensão. Talvez pela abordagem tecnológica, a iniciativa tenha se mostrado atrativa aos estudantes que participaram e manifestaram interesse em “visitar” outras cidades – de nascimento ou origem familiar – em diferentes estados e regiões.

As conversas sobre o lugar sala de aula e seus significados foram retomadas a partir da perspectiva das mudanças de lugar que acontecem em nossas vidas.

Depoimentos

Depoimentos de estudantes sobre as diferentes concepções de lugar

Eu no começo do ano pensava que lugar era só um lugar sem significados, mas eu entendi que não é só isso, lugar tem vários significados que dão memórias e lembranças.

Lugar é um espaço que às vezes tem memórias e significados importantes para uma pessoa.

No começo do ano quando as pessoas me perguntava o que era lugar, ou o que eu entendia sobre isso. Eu falava que era só um local ou algo assim. Hoje eu consigo entender que lugar é muito mais que isso, não é só um simples local é mais que isso.

O lugar é um local repleto de significados que é dado graças as ~~memórias~~ nossas memórias que temos sobre ele. O lugar é cheio de sentimentos que pode ou não influencia nossas vidas. Diferente do local um lugar pode mudar, o lugar quando ~~é~~ modificado já não é a mesma coisa de antes. O local continua o mesmo mas o lugar não exatamente porque ~~as~~ as nossas memórias sobre ele se perde, perdendo todos os significados, ou sentimentos que temos por ele.

Se alguém chega hoje e pergunta o que eu entendo sobre lugar. Vou saber explica que é um local onde é repleto de significados, memórias, sentimentos.

mais que o significado que temos sobre um lugar pode mudar, pois um lugar pode sempre sofrer alterações mudando nosso significado sobre ele graças a nossas memórias que temos sobre ele que não vai ser mas as mesmas de antes isso é um pouco sobre o que eu entendo sobre o que é um lugar.

As conversas anteriores sobre os significados dos lugares foram revisitadas para que os estudantes refletissem se a paisagem poderia ter influência sobre os significados que os lugares têm para nós. A intenção foi demonstrar a complementaridade dos termos e as

possibilidades de compreendê-los de forma conjunta, como nos ensina Callai (2000, p. 97) "o lugar mostra, através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza tais recursos".

Depoimento de estudante sobre as paisagens

É a paisagem, pode ser definida como aquela em que você compreende de acordo com os seus sentidos, faz parte das questões culturais e naturais de planeta, como você encerra, sente, que está ao seu redor. Para facilitar pode ser tudo aquilo de mais externo.

Eu também aprendi diferentes paisagens. Tem a paisagem cultural que é a aquela que as pessoas constroem, edifícios, casas, fábricas, plantações de estradas. A outra paisagem é aquela marcada pelo predomínio de elementos da natureza, como as cachoeiras de montanhas, as florestas ou as grandes geleiras, que é a paisagem natural.

O significado de lugar pra mim, não mudou tanto, porém, comecei a enxergar as coisas diferente de antes, isso, desde que nos aprofundamos nesse tema nas aulas. Por exemplo, quando estou no ônibus, olhando pela janela, eu vejo (um exemplo) a praia, eu percebo sua paisagem, o significado super importante pra mim (de um modo bom) e também percebo como aquele espaço tem interferências humanas, que nós, mudamos, antes, seria só a praia, mar, areia, pedras, etc. Hoje eu vejo isso com um olhar diferente.

Antes da avaliação bimestral, o conceito de significação foi utilizado para dar suporte a uma das características dessa proposta que está relacionada com a avaliação. Além de possuir papel relevante nas discussões acadêmicas e profissionais dentro da educação, o processo avaliativo também possui importância dentro dos significados atribuídos à escola pelos estudantes. Na intenção de subsidiar as etapas seguintes, foi aplicada a prova diagnóstica como avaliação final do Primeiro MPA. A análise dos registros iniciais sobre os temas apresentados no primeiro MPA, apontou que

uma parcela significativa de estudantes, além de problemas de letramento e oralidade, teve pouco ou nenhum contato com a Geografia durante sua trajetória escolar. São aspectos que evidenciam a importância de uma prática voltada para a investigação sobre as verdadeiras – e variadas – necessidades dos alunos.

Com o intuito de proporcionar uma leitura mais objetiva, a Sequência Pedagógico-Avaliativa do bimestre foi sintetizada a seguir, ocorrendo da mesma forma ao fim de cada etapa.

Cronograma do primeiro Momento Pedagógico-Avaliativo

SEMANA 1	03 TEMPOS	<p>Depoimentos dos educandos sobre suas experiências e seus entendimentos sobre a Geografia e a escola. Juntamente, a indagação sobre qual seria a relação existente entre ambas, a fim de, posteriormente, mencionar a Geografia Escolar.</p> <p>O livro didático foi outro fator importante trazido para esta discussão sobre Geografia, escola e sociedade.</p>
SEMANAS 2 E 3	06 TEMPOS	<p>Apresentação da noção de lugar e sua relevância no nosso trabalho de pesquisa. Mostramos também as contribuições do livro didático acerca do tema, tendo em vista a referência adotada para o lugar como localização. Revisitamos a noção de escala e trabalho com mapas.</p>
SEMANA 4	03 TEMPOS	<p>Com base nos questionamentos da semana anterior, foram realizadas aulas expositivas e atividades com mapas, além de um projetor visual, acessando a ferramenta digital Google Maps.</p>
SEMANA 5	03 TEMPOS	<p>Conversas sobre o lugar sala de aula e seus significados, a partir da perspectiva das mudanças de lugar no nosso cotidiano.</p>
SEMANAS 6 E 7	06 TEMPOS	<p>Apresentação da ideia de paisagem e suas relações com o lugar enquanto conceitos geográficos.</p>
SEMANA 8	01 TEMPO	<p>Retomada dos diálogos sobre a escola, com o olhar voltado para a avaliação na escola e seu papel na significação da sala de aula.</p>
	02 TEMPOS	<p>Avaliação Final – prova dissertativa</p>

4

LUGAR, PAISAGEM E ESPAÇO GEOGRÁFICO: DOS TEMAS GEOGRÁFICOS À SENSIBILIZAÇÃO SOBRE A SALA DE AULA

Houve a continuidade dos estudos sobre as relações entre lugar e paisagem, abordando os diferentes tipos de paisagem apresentados pelo livro didático: paisagem natural – não humanizada – e paisagem cultural – humanizada. Isso porque, trabalhando com a perspectiva dos estudantes, foi possível identificar que esta diferenciação não havia sido bem compreendida por eles, assim como o termo humanização, citado pelo livro didático.



Sequência do livro didático: Espaço Geográfico

Neste momento, o principal desafio pairava sobre a equivocada relação que alguns faziam entre a paisagem natural e o meio rural, enquanto a paisagem cultural era associada ao meio urbano. Foi percebido que o termo humanização não havia sido compreendido como parte de processo que se referia à ação dos seres humanos no espaço e, consequentemente, na paisagem. Nesse sentido, houve a necessidade de desenvolver a concepção sobre o termo humanizar no sentido do efeito da ação humana, além de contextualizar que tanto uma paisagem rural, quanto uma paisagem urbana são paisagens culturais, consistindo a paisagem natural naquela que não recebeu interferência dos seres humanos. .

Durante as duas semanas seguintes – 06 tempos – a questão da humanização serviu como ponte para que o espaço fosse abordado em sua forma humanizada – espaço geográfico – e não humanizada – espaço natural. De forma sucinta, o livro didático coloca que o espaço geográfico é “o espaço ocupado e transformado continuamente pela sociedade” (BOLIGIAN; ALVES, 2015, p.22). A fim de inserir o cotidiano de forma mais abrangente, recorreremos a Santos (1988) por compreender que, para além disso, o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, um certo arranjo de objetos geográficos, objetos

naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida. Isto é a sociedade em movimento (SANTOS, 1988, p. 16).

Dada a necessidade de adequar esse pensamento ao contexto vivenciado, foi projetado um pequeno esquema que tenta ilustrar, de forma mais objetiva, a fala citada, mostrando

que a sociedade em movimento e o cotidiano estão, inevitavelmente, conectados. Decerto, foi necessário desenvolver a ideia sobre objetos naturais e sociais, por isso, houve investimento em conversas nesse sentido. A imagem a seguir foi utilizada como simplificação dessa ideia, no intuito de potencializar as possibilidades de abstração sobre os temas envolvidos.

SOCIEDADE EM MOVIMENTO



Após explorar as relações entre lugar, paisagem e espaço geográfico, os diálogos sobre o processo avaliativo foram revisitados a fim de definir a culminância do bimestre. A questão foi sendo desenvolvida a partir das propostas dos estudantes que eram analisadas e debatidas em sala de aula. Ficou acordado que, naquele bimestre, a culminância avaliativa do MPA seria baseada nas apresentações a serem realizadas para a Feira Cultural da escola, cujo tema foi Sustentabilidade e Cidadania. Um dos fatores que contribuíram nesse sentido foi a insegurança demonstrada pelos estudantes em como proceder em relação ao evento.

Diante do fato dos estudantes possuírem diferentes níveis de autonomia (FREIRE, 1997), foi natural o surgimento de questionamentos. Muitos deles relacionados à interação coletiva e a disposição de demandas e atribuições. Com a consciência de que a ação representava certo desafio para os estudantes, foi separado, em cada uma das turmas, um tempo de aula por semana, do total de três da grade horária semanal. A finalidade foi abordar os assuntos escolhidos por cada grupo para a Feira, visando dar o apoio necessário para o desenvolvimento dos trabalhos. Essa ação também se deu por conta da dificuldade de muitos discentes em estabelecerem contato fora do ambiente escolar, seja pela distância, pela impossibilidade de se deslocar, falta de

acesso à internet na residência, dentre outros fatores.

A “diferenciação” na especificidade das aulas semanais abriu a oportunidade de trazer o debate sobre lugar e espaço utilizando o componente que é um dos focos desta pesquisa, a sala de aula. Através desses momentos com características próprias, foi possível mostrar aos educandos a importância de sua participação na formação de diferentes lugares – aula de Geografia e orientação dos trabalhos – dentro do mesmo espaço – sala de aula – pois as práticas e dinâmicas que ocorriam em cada um desses momentos eram capazes de criar ambientes reconhecidamente diferentes.

A partir daí, foram abordados os processos de significação e a forma como são produzidos pelos sujeitos. Relembrando Tuan (1983), foi apresentada a ideia de significação como o ato de conceber, ou seja, dar significado às coisas. Em seguida, os educandos foram convidados a lembrar as experiências vividas para que tentassem, de

alguma forma, estabelecer relações entre essas memórias e as condutas atuais. Para isso, o lugar volta a ser objeto de discussão, pois é ele que significamos a partir de nossos pensamentos e condutas e, ao mesmo tempo, influencia o modo que agimos através dos significados que atribuímos a ele.

Os trabalhos apresentados trouxeram olhares sobre temas que os estudantes julgaram importantes a seres discutidos na escola e na sociedade, desde que relacionados a assuntos trabalhados nas aulas de Geografia ou História. Além de ter sido utilizada como culminância avaliativa no segundo MPA, a **Feira Cultural** contribuiu de diferentes formas no desenvolvimento da proposta. Pedagogicamente, foi possível iniciar a alfabetização cartográfica daqueles que não tiveram acesso a esses conhecimentos. Para outros, contribuiu na retomada de habilidades trabalhadas nos anos anteriores. Socialmente, possibilitou pavimentar o caminho do diálogo e da participação comum, passando pela identificação das necessidades individuais e coletivas, até a autonomia demonstrada na apresentação final com temas perpassando aspectos sociais e naturais. A seguir, serão apresentadas algumas imagens de momentos da Feira Cultural e, por fim, a sequência pedagógica realizada durante o segundo MPA.





Cronograma do segundo Momento Pedagógico-Avaliativo

SEMANA 1	03 TEMPOS	Revisitar a as relações entre lugar e paisagem, abordando os diferentes tipos de paisagem apresentados pelo livro didático: paisagem natural – não humanizada – e paisagem cultural – humanizada.
SEMANAS 2 E 3	06 TEMPOS	Ideia de humanização para abordar o espaço em sua forma humanizada – espaço geográfico – e não humanizada – espaço natural.
SEMANA 4	03 TEMPOS	Retomada dos diálogos sobre a avaliação visando estruturar a culminância do bimestre.
SEMANA 5	01 TEMPO	Atividades relacionadas à definição, elaboração e apresentação dos trabalhos para a Feira Cultural.
	02 TEMPOS	Aulas expositivas fomentado os debates sobre lugar, paisagem e espaço geográfico a partir de atividades do livro didático.
SEMANA 6	01 TEMPO	Atividades relacionadas à definição, elaboração e apresentação dos trabalhos para a Feira Cultural.
	02 TEMPOS	Aulas expositivas fomentado os debates sobre lugar, paisagem e espaço geográfico a partir de atividades do livro didático.
SEMANA 7	01 TEMPO	Atividades relacionadas à definição, elaboração e apresentação dos trabalhos para a Feira Cultural.
	02 TEMPOS	Aulas expositivas fomentando os debates sobre lugar, paisagem e espaço geográfico a partir de atividades do livro didático.
SEMANA 8	03 TEMPOS	Apresentação dos grupos na Feira Cultural.
SEMANA 9	03 TEMPOS	Apresentação dos grupos na Feira Cultural.

5

DA SALA DE AULA PARA O MUNDO: POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO COM A CARTOGRAFIA ESCOLAR

Neste terceiro MPA, a concepção de lugar como localização ganha destaque junto aos significados, através do estudo de temas cartográficos e do trabalho com mapas. Na sequência do trajeto pedagógico, o lugar foi levado para dentro do mapa na intenção de uma alfabetização cartográfica, cuidando também para que esta alfabetização leve em consideração as subjetividades contidas nos mapas.

Durante a abordagem dos temas cartográficos, foi exibido um curta-metragem a fim de atrair a atenção dos estudantes para o tema a partir de uma ferramenta digital. Com pouco mais de seis

minutos, o vídeo chamado “Nunca é noite no mapa” (CARVALHO, 2016) traz uma narrativa sobre o mapa, utilizando o Street View, do Google Maps, para mostrar uma perspectiva de “dentro do mapa”, como diz o autor. Após o curta, houve uma problematização sobre a ocupação e a utilização dos espaços a partir das representações dos educandos sobre as mudanças na paisagem da cidade do Rio de Janeiro exibidas na produção audiovisual. Essa dinâmica também colaborou na construção da noção de público e privado e nas relações estabelecidas entre as concepções de lugar, espaço e paisagem.

Desterritorialização e mudanças nas paisagens



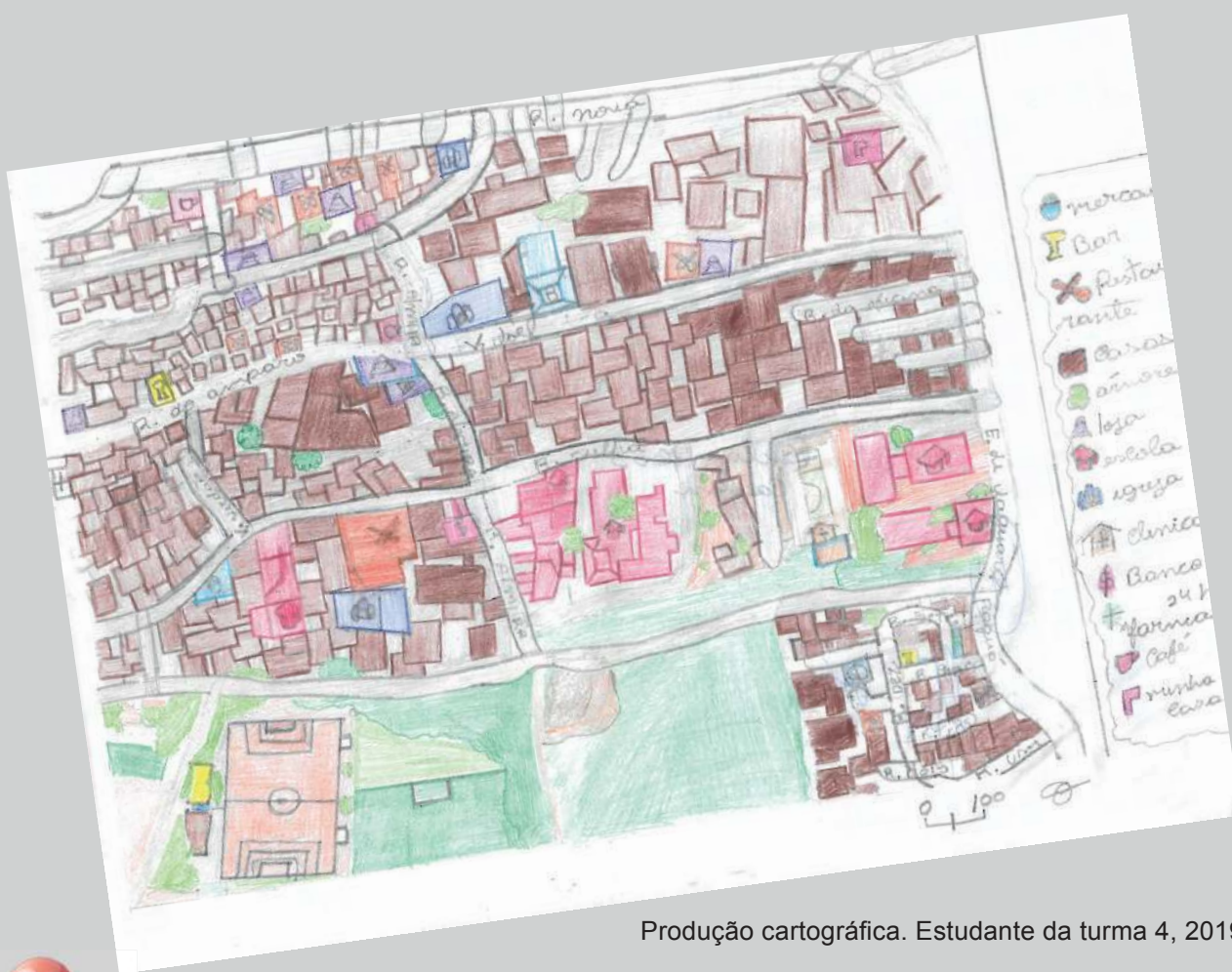
Cenas do curta-metragem “Nunca é noite no mapa” (CARVALHO, 2016).



O Google Maps também foi utilizado pelos estudantes na produção de mapas de suas moradias. Para isso, um dos tempos de aula da semana foi direcionado para auxiliar no uso dessa ferramenta e na confecção de mapas. A fim de trabalhar diretamente com a concepção de escala, foi solicitada a produção de três cartas em diferentes escalas e com legenda. Devido a isso e ao fato de a atividade ser individual, foi possível identificar as dificuldades e os avanços a serem considerados no processo avaliativo. Com a plataforma digital servin-

do de referência, os estudantes demonstraram mais confiança, apresentando um retorno bastante positivo na produção cartográfica e na participação em sala. Apesar de a devolutiva dos mapas ser individual, a dinâmica estabelecida foi de uma construção coletiva, tendo em vista a necessidade de compreensão de convenções cartográficas como escala e legenda. A seguir, alguns exemplos de produções cartográficas relacionadas a essa atividade.

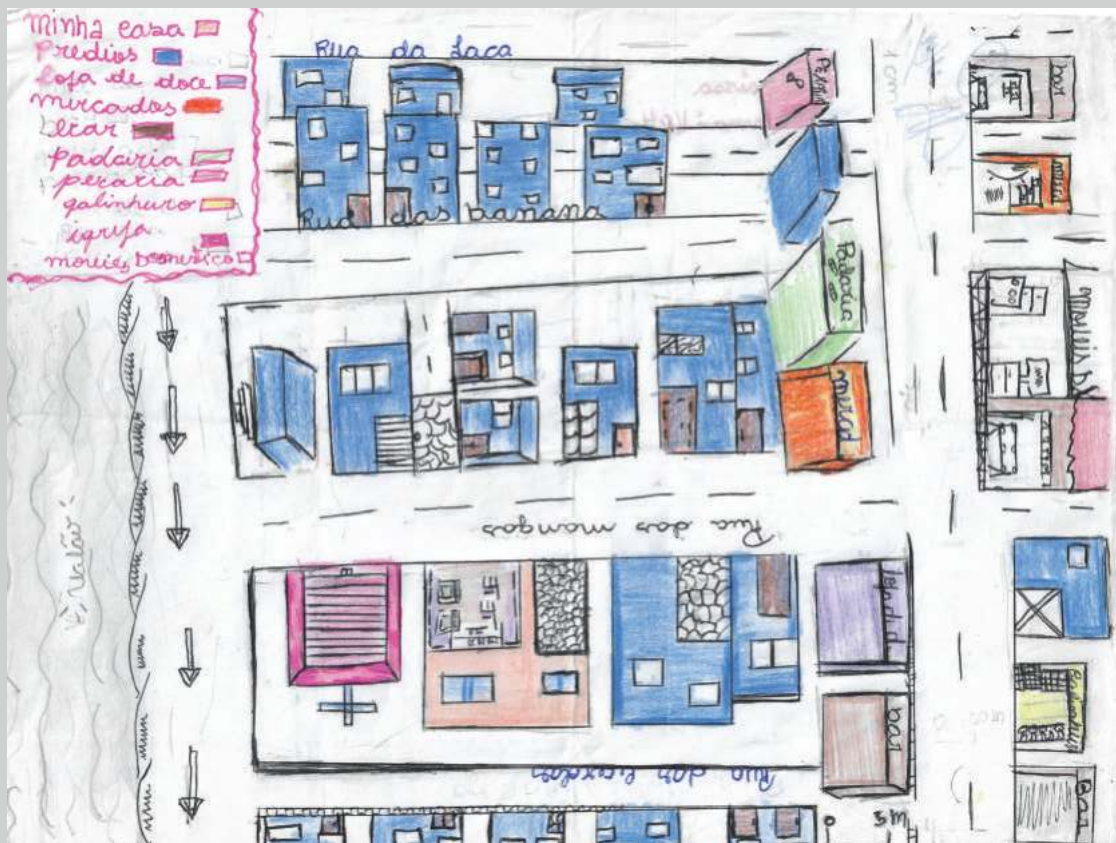
Mapa do entorno das residências



Produção cartográfica. Estudante da turma 4, 2019.



Produção cartográfica. Estudante da turma 1, 2019.



Produção cartográfica. Estudante da turma 3, 2019.

Dentre os temas cartográficos, foram marcantes os desafios nas atividades relacionadas às Coordenadas Geográficas. Após a apresentação teórica, atividades do livro didático e o uso da tecnologia digital, boa parte de alunas e alunos não demonstrava confiança ao abordar o assunto, enquanto um pequeno quantitativo participava de forma positiva. Na intenção de manter a ideia de estar “dentro” do mapa, foi planejada, para a sexta semana, uma atividade que pudesse auxiliar no desenvolvimento de habilidades cartográficas e espaciais, estimulando também a interação social.

Para a realização da atividade, a sala foi organizada com as mesas e cadeiras formando linhas

e colunas, com o intuito de representar os paralelos e meridianos. Essa nova disposição do mobiliário teve como objetivo possibilitar que as “linhas imaginárias” formadas pudessem ser identificadas pelos estudantes ao ficarem em pé. Com dois barbantes foram demarcadas a linha e a coluna do meio como as principais referências. Os estudantes posicionados nas extremidades destas linhas e colunas esticam os barbantes para que sirvam como Linha do Equador e Meridiano de Greenwich, respectivamente. Em seguida, os estudantes devem identificar quais são as coordenadas de cada localização na sala de aula a partir do esquema a seguir.



Cada círculo corresponde a um lugar na sala de aula que, ocupado ou vazio, representa uma coordenada geográfica. A proposta foi que o aluno identificasse, num primeiro momento, a sua própria coordenada e, posteriormente, outros lugares na sala. De início, houve insegurança e timidez, mas a adesão aumentava a cada tentativa correta que gerava comemoração ou que, mesmo errada, era seguida de

compreensão e explicação individual. Em dado momento, os próprios educandos se propunham a explicar ao colega a forma correta de identificar a coordenada. Pouco a pouco, a ação proporcionou momentos de diversão e até competição, com alunas e alunos querendo acertar mais questões. Os braços levantados foram motivo de satisfação e possibilitaram que a participação e

o desenvolvimento de cada um dos estudantes fossem observados atentamente, valorizando o protagonismo dos que queriam continuar a aprender, ensinando (FREIRE, 1997).

Devido à perspectiva inclusiva, também salientamos a necessidade de paciência e respeito diante das diferentes temporalidades manifestadas na construção destes conhecimentos (NOGUEIRA, 2016).



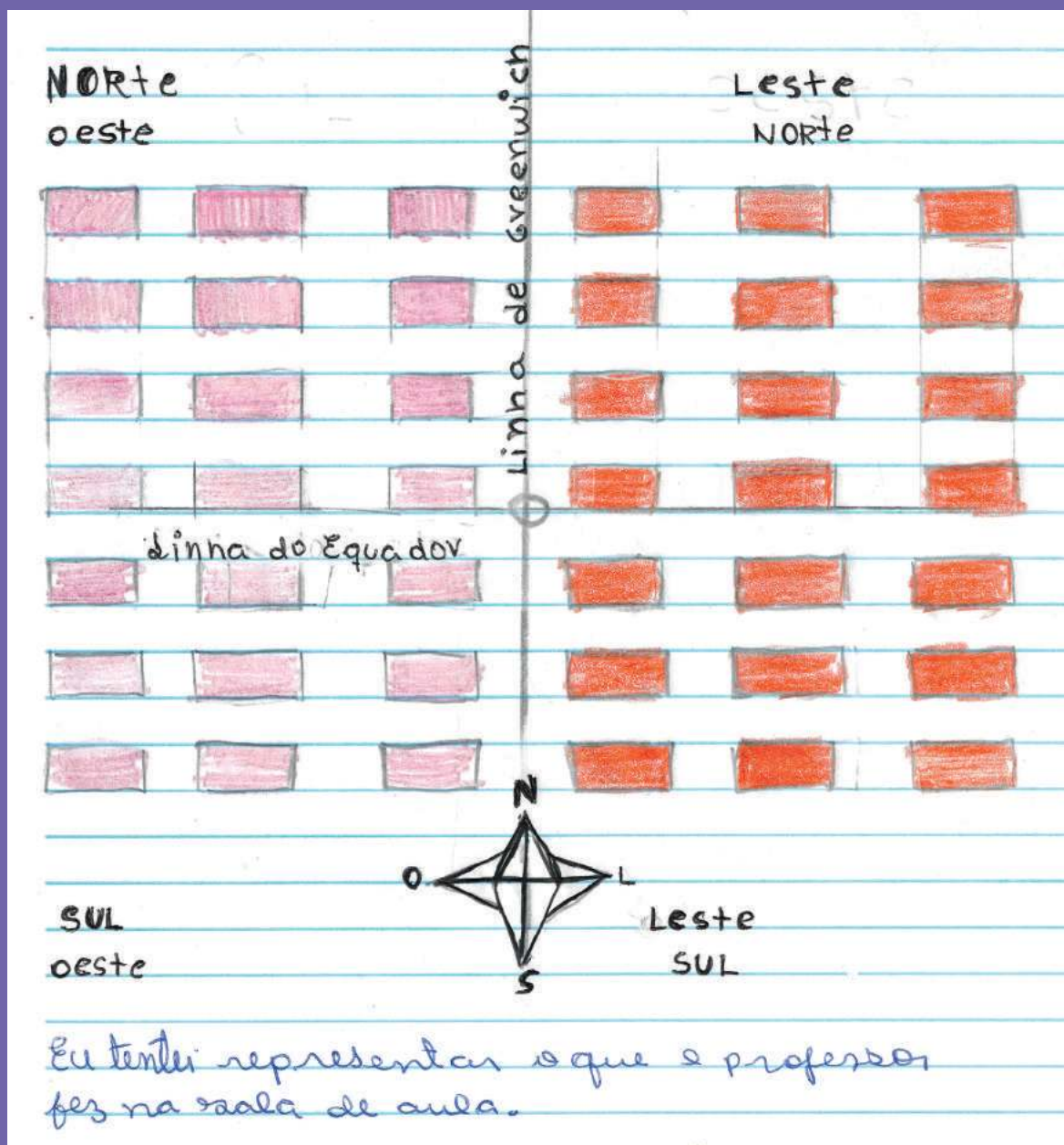
DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES SOBRE A ATIVIDADE COM COORDENADAS GEOGRÁFICAS

meu desenho
o professor
me explicando
o assunto de
Trabalho •
É o assunto
de Trabalho e
sobre
coordenadas
geográficas •
Lenge Tudo e
pursi adiante

Produção textual de estudante da turma 2.

Essa atividade me ajudou a entender melhor para onde fica o Sul, Norte, Leste e Oeste, porque nas atividades anteriores eu não conseguia imaginar direito porque não dava para ver e vendo facilita mais, porque eu estava interagindo e isso para mim é bom, essa atividade foi muito legal, de tudo que eu já aprendi, hoje foi melhor, eu também aprendi melhor sobre coordenadas geográficas, porque eu não estava entendendo, muito bem mais. hoje eu entendi melhor.

Produção textual de estudante da turma 1.



Produção textual de estudante da turma 5.

A experiência que eu tive hoje foi muito legal eu não tinha estado quando o professor explicou no quadro mais agora eu entendi; ficou melhor a explicação para mim. Agora eu já sei o que um fuso horário é legal eu acho que eu aprendo mais assim do que escrever mais antes eu fiquei com medo porque eu tinha que ir sua prova.

Quando o professor falou para mim falar minha coordenada geográfica eu fiquei nervoso até virar mais depois acertei. Também eu sei que é normal errar e é normal ficar com nervoso também e assim ficou muito fácil de entender e muito fácil de lembrar para a prova de geografia e agora eu sei o que eu não sabia sobre a linha do equador e a linha de Greenwich.

Produção textual de estudante da turma 3.

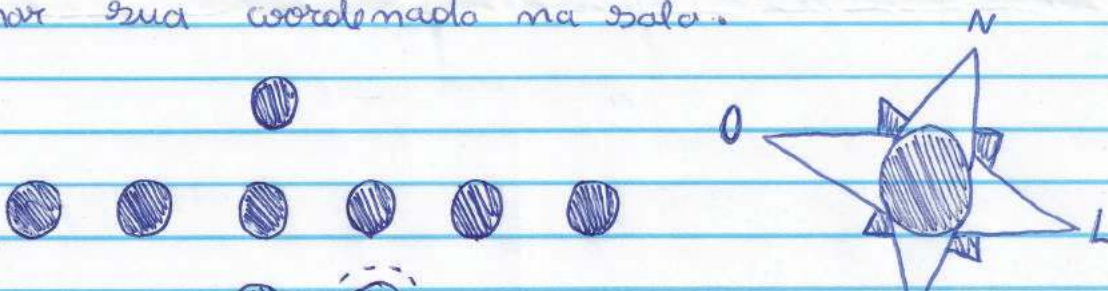
Hoje, a aula foi prática e deu para entender muito mais fácil apesar de eu já ter entendido. ~~da~~ Dessa vez, nós fomos a localização e foi muito mais legal aprender assim do que ficar escrevendo e respondendo toda hora. Hoje

Hoje, não só eu, mas sim todos, aprendemos melhor ou quem ainda não tinha entendido as coordenadas geográficas e vamos concordar que foi muito mais legal e divertido, vou dar uma de professor agora, "sim ou não?". Tinha ⁶ linhas na horizontal e 6 na vertical, lembrando os paralelos e meridianos, outra coisa que lembro também era a minha localização (25 e 10), só isso que eu lembro.

Produção textual de estudante da turma 4.

A atividade de hoje me ensinou bastante coisas sobre o assunto. Que era Coordenadas geográficas, da maneira que o professor brincava, praticava e explicava, pelo menos me ajudou a entender melhor.

A parte que mais gostei, foi quando o professor explicou o que era, e como funcionava a casa dos ventos, e também de cada um achar sua coordenada na sala.



Produção textual de estudante da turma 2.

Tendo em vista que, inicialmente, os assuntos relacionados às Coordenadas Geográficas geravam insegurança e desconforto a uma maioria, a iniciativa viabilizou uma prática pedagógica que estimulasse a superação de desafios. Além disso, a autoconfiança e a coletividade tiveram na atu-

ação discente a materialização das perspectivas de diálogo e autonomia desta proposta. Com efeito, a valorização e o reconhecimento da mesma foram notados com a realização da culminância avaliativa do terceiro MPA no mesmo formato da última atividade.

Cronograma do terceiro Momento Pedagógico-Avaliativo

SEMANA 1	03 TEMPOS	Colocar em pauta os processos pedagógicos e avaliativos vivenciados, no intuito de identificar e refletir sobre os benefícios e dificuldades encontrados na perspectiva de estudantes e do professor.
SEMANAS 2 E 3	02 TEMPOS	Desenvolvimento da noção de território e articulação das esferas de poder com as escalas de lugar.
	02 TEMPOS	Apresentação das principais convenções cartográficas com ampliação das atividades com mapas.
	02 TEMPOS	Produção de texto individual sobre os lugares considerados mais importantes e razões da escolha.
SEMANA 4	01 TEMPO	Exibição do curta-metragem “Nunca é noite no mapa” (CARVALHO, 2016) e apresentação do Street View, do Google Maps.
	02 TEMPOS	Refletir sobre a ocupação e a utilização dos espaços a partir das representações dos educandos sobre as mudanças na paisagem da cidade do Rio de Janeiro.
SEMANA 5	01 TEMPO	Orientações sobre o uso do Google Maps e na produção cartográfica do entorno da residência.
	02 TEMPOS	Produção de mapas de suas moradias.
SEMANAS 6 e 7	04 TEMPOS	Atividade para o desenvolvimento das habilidades cartográficas e espaciais, estimulando também a interação social. Considerações dos estudantes sobre a atividade.
	02 TEMPOS	Culminância avaliativa.

6

MAPAS TEMÁTICOS E OS FENÔMENOS NATURAIS NOS DIFERENTES LUGARES DA TERRA

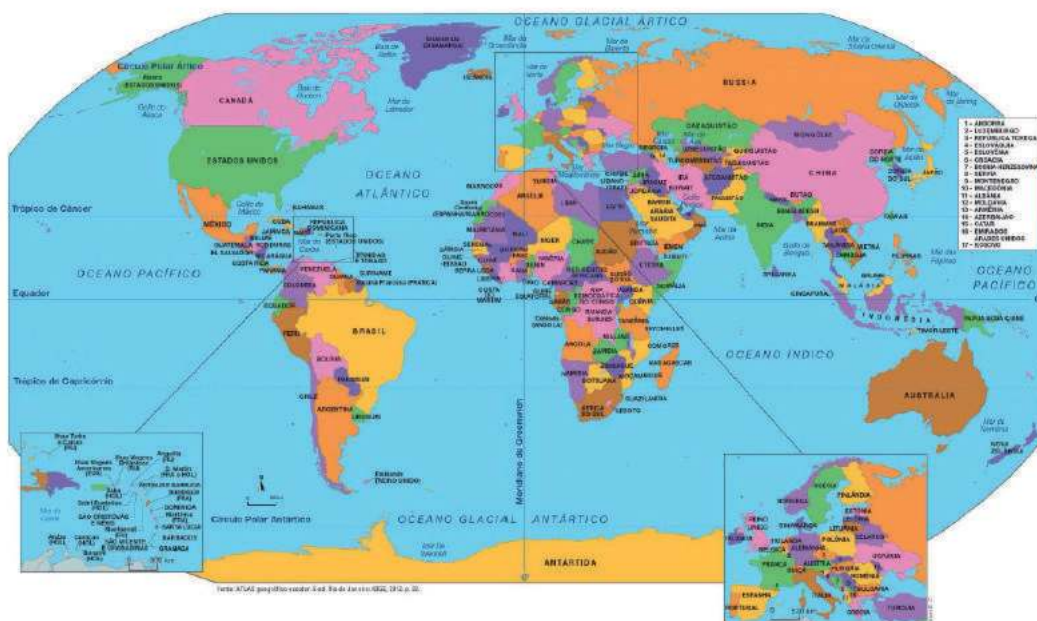
Neste momento, foram apresentados temas referentes à Geografia Física. Por isso, também exploramos o conceito de lugar não só através das memórias e significados concebidos, como também do lugar, provavelmente, imaginário, ainda não vivido ou experimentado e que também faz parte da realidade estudada pela Geografia.

O livro didático contribuiu na introdução sobre os movimentos da Terra e fusos horários. Como material auxiliar, foram utilizados o clássico globo terrestre, uma lanterna de celular e estudantes voluntários representando as dinâmicas que se estabelecem entre o planeta Terra e o Sol. Cabe ressaltar que a atividade sobre Coordenadas Geográficas executada no MPA anterior, pode inspirar um movimento semelhante em relação aos fusos horários.

Na sequência, foram apresentados dois documentários sobre fenômenos naturais como terremotos, erupções, formação de ilhas, falhas geológicas, tsunamis, entre outros. A exibição digital desses eventos teve efeito positivo no

sentido de despertar amplo interesse por parte dos estudantes que, por sua vez, se mostraram curiosos e atentos.

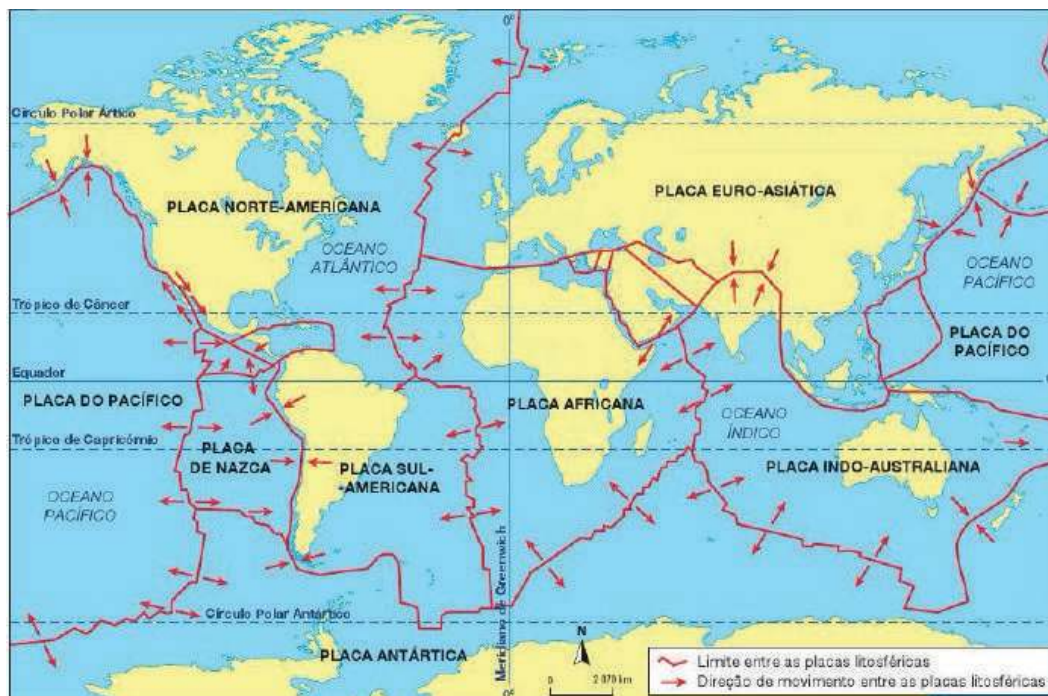
Tal estímulo serviu para ampliar a visão sobre a cartografia na continuidade do trabalho com mapas, mostrando que também pode estar associada a assuntos, como hidrografia, clima, relevo, dentre outros. Assim, foi possível trabalhar com a concepção de mapas temáticos e prosseguir com o processo de alfabetização cartográfica para que aqueles que expuseram o distanciamento dos conhecimentos geográficos pudessem iniciar efetivamente a participação nos processos de ensino-aprendizagem nessa área. Essa abordagem possibilitou a ampliação das capacidades de interpretação de outro código além do linguístico e do desenvolvimento das habilidades socioespaciais. A atividade posterior foi baseada na observação, por parte dos estudantes, do mapa-múndi contido no livro didático e, com a ajuda do professor, a identificação dos locais exibidos nos documentários.



Mapa-múndi do livro didático.

Em seguida, essa localização foi apontada no mapa sobre Placas Tectônicas, a fim de analisar a incidência desses fenômenos a partir de sua posição em relação às Placas Tectônicas. O fato de os mapas possuírem temáticas e escalas diferentes serviu para

revisitar conceitos trabalhados anteriormente como legenda e escala. No decorrer da atividade, ainda foi possível desenvolver a abstração e a capacidade de interagir com informações de diferentes mapas simultaneamente.



Mapa temático: placas tectônicas

Durante o desenvolvimento das atividades relacionadas a mapas temáticos, o diálogo com os estudantes expôs dificuldades na interpretação de mapas físicos. No início do trabalho com mapas, a questão da visão vertical relacionada à visão frontal já havia gerado certa dificuldade e desconforto em alguns estudantes. Sendo assim, foi necessária uma experiência mais concreta para despertar o interesse dos educandos e facilitar o seu entendimento e a construção de conhecimento. Foram produzidos mapas físicos com folhas de espuma (EVA) de diferentes cores. Trata-se de

uma produção já difundida dentro da Cartografia Escolar, onde as cores e a textura em alto-relevo ampliam as possibilidades pedagógicas com diversidade visual e interação tátil. O material foi utilizado em conjunto com o livro didático buscando associar os dois tipos de representações em uma dinâmica de “quebra-cabeça” – tendo também os mapas do livro didático como referência. Além do material pronto, foram disponibilizadas as “peças” separadas para que, em grupos e consultando o mapa físico, os discentes reconstruíssem a representação da forma correta.

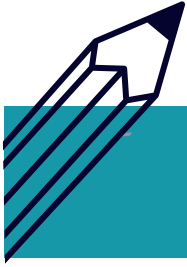


Mapa físico de Brasil representado no livro didático.

Mapa físico com espuma de EVA.



Por conta das características da atividade e as habilidades a serem trabalhadas durante sua execução, foi necessário equilibrar a coletividade e a individualidade. Isso porque, assim como ocorreu na atividade com Coordenadas Geográficas, uma parcela dos estudantes compreendeu o assunto mais rapidamente, fato que não diminuiu sua interação com os demais. Para isso, o respeito às diferentes temporalidades foi fundamental, no sentido de sua naturalização e para que os educandos não julgassem a si nem aos outros meramente pela velocidade/capacidade de compreensão de um assunto.



DEPOIMENTOS DE ESTUDANTES SOBRE A ATIVIDADE COM MAPAS FÍSICOS

Eu entendi que no mapa do livro
mão de fora para ver quais está por cima ou
por baixo só se olhar muito bem.

E no outro mapa eu percebi que
olhando de lado do fora ver as altitu-
des mais elevadas e de tocar do fora sentir
quais estão mais elevadas ou mais baixas.

Produção textual de estudante da turma 3.

Eu consegui entender melhor com o mapa
do professor porque ele do professor agente podia
tocar e sentir o volume do relevo já o do
livro é mais difícil de entender porque o do
livro é completamente plano, isso quer dizer
que nós tem volume e nós da pra ver o
mais relevo no da pra ver nas cores e
com qual ~~relevo~~ as palavras se tirasse um
relevo imbatível saber qual é o mais alto.
O mapa do professor tá como um fago
tá desértico e se alha-se mas no relevo
dado pra ver o relevo mais alto então tá
mais fácil entender.

Produção textual de estudante da turma 1.

Eu acho que a principal diferença do mapa do livro é o que o professor fez, é que no livro o mapa fica numa superfície plana, e o do professor não, ele cortou o mapa para representar o relevo com as cores representadas, verde de 0 a 200, amarelo de 200 a 500, laranja de 500 a 800, marrom claro de 800 a 1200 e marrom escuro acima de 1200. E o bom é que dá pra ver a diferença do relevo, quem é mais baixa e quem é mais alta.

Produção textual de estudante da turma 2.

No livro Camagummas intida o mapa Atratis da lenda e o mapa que o professor fez em sala de aula. Foi visualizado melhor o mapa e sua forma comparado ao mapa do livro que vimos de cima. O mapa do professor vimos em visão horizontal ou visão oblíqua. E vimos melhor a formação do mapa.

Produção textual de estudante da turma 4.

A diferença principal dos dois mapas é que pelo que eu entendi na aula o mapa que o professor apresentou na sala de aula é que esse mapa que ele fez dava pra sentir as elevações do terreno. O outro mapa do livro ele estava muito mais esticado. Ele está por isso na ilustração e na linguagem verbal e o mapa que ele mostrou estava na linguagem não verbal e o mapa mais fácil que achei foi o que ele apresentou.

Produção textual de estudante da turma 5.

A partir dos depoimentos dos estudantes e do retorno pedagógico obtido, essa atividade orientou a culminância avaliativa do último MPA, baseada na montagem de “quebra-cabeças” de mapas físicos com folhas de EVA a partir de imagens de mapas. Dentro dessa perspectiva, foram formados grupos de quatro a cinco estudantes, para montar diferentes mapas. De início a construção foi coletiva, onde cada integrante do grupo colocava uma peça por vez. Ao errar, começava-se novamente. A observação do desenvolvimento da dinâmica em cada grupo, possibilitou o remanejamento de integrantes de modo a balancear as temporalidades cognitivas dos estudantes. Nesse processo, o professor atua como mediador, observando o desenvolvimento de diferentes dinâmicas em cada grupo. O agru-

pamento de acordo com o desempenho e a conduta colaborativa fortaleceu o equilíbrio entre aprender e ensinar. Por outro lado, alguns grupos tiveram sua motivação em competições de montagem individual, com contagem de tempo para determinar os “vencedores”.

Na última semana, foi proposta uma retrospectiva do ano geográfico, por meio de conversas sobre as vivências locais a fim de refletir, junto aos estudantes, sobre a proposta de ressignificação da sala de aula a partir do ensino de Geografia. As indagações feitas sobre Geografia e escola para promover o debate no início do ano foram lembradas como fomento à reflexões e produções de sentido.



Depoimentos de estudantes na retrospectiva geográfica

O no primeiros dia de aula de ~~Geografia~~ Geografia eu percei que o professor de Geografia Marcos Antonio parecia ser chato, mas com as suas brincadeiras que agente gostava, e o jeito de querer e ensinar que agente aprenda.

Você foi o meu professor Válorito gostei muito das suas aulas Você me fez aprender e entender sobre o que é geografia Entender sobre o mundo Suas aulas foram muito boas Vai ser ruim não conviver com você ano que vem Sua aula que eu gostei Sobre fazer um mapa da vida Real

Produção textual de estudante da turma 1.

Nesses meses eu aprende muita coisa de Geografia eu aprende como se forma uma ilha, aprende sobre sociedade, escalas, Coordenadas e também o que significa Geografia significa: Terra e descrição, sobre lugar e paisagem, cultura da natureza. De fevereiro pra cá eu aprende muito e também já ia me esquecendo das Mulecões. Obrigada, Professor por nós ensinar tudo o que você sabe. SE não fosse por você eu não sabia o que eu sei agora.

Produção textual de estudante da turma 2.

~~Com o professor Marcos Antunes~~
eu aprendi muitas coisas eu aprendi sobre lugares, paisagens, parâmetros culturais, localizações, relevo e a não ter medo de perguntar as coisas o professor

Produção textual de estudante da turma 5.

Aprendizado do ano
Lá no começo do ano em uma das primeiras aulas de Geografia aprendi o valor de trabalhar em equipe, a importância de admitir os seus erros e a importância de ajudar os amigos quando precisarem. Foi assim que aprendemos muito sobre a matéria.
Nesse ano fizemos amizade e criamos times com os outros, nas aulas tivemos muitas experiências boas.
Para mim uma das melhores aulas era de Geografia porque além de aprender a matéria brincamos, jogamos, falamos sério, brincamos os jogos mas acontecem, mas tirando isso amo a aula.
Parabéns prof, por ser o ótimo professor que você é.

Produção textual de estudante da turma 3.

Significaram descobertas, matéria nova, responsabilidade e atenção, isso porque esse ano foi bem diferente. Tive um professor não professora, tive mas focos nas aulas, por a matéria ter sido bem explicadinha pelo professor e aprendi bem mais coisas que no ano passado.

Vamos recapitular a matéria, primeiro aprendemos "lugares e paisagem" até "placas tectônicas", entre essas duas matérias aprendemos outras bem importantes. Esse ano foi muito bom, fico triste em saber que o professor não será o mesmo ano que vem, me acostumei com o jeito engraçado e sério dele.

A minha aula preferida foi quando fomos a sala de vídeo e vimos o vídeo do vulcão Kilauoa, aquilo me impressionou de uma forma...

Adorei os trabalhos que fizemos durante o ano, e fico feliz por ter conseguido notas boas, mas isso agradeço ao professor, que conseguiu ser muito firme e paciente com a minha turma, que falando sério em comportamento não é uma das melhores.

E isso foi tudo que aconteceu, ~~uma~~ mesmo tendo muitos esportes e puxações de orelha, foi um ótimo ANO!

Produção textual de estudante da turma 4.

Eu gostei muito desse ano passou rápido mais foi bem objetivo eu sempre gostei muito dos meus professores mais você Marco Antonio foi um professor um amigo muito mais muito legal você explicava as coisas com carinho mesmo quando você estava estufado você era legal.

Produção textual de estudante da turma 5.

Foi muito pouco tempo que eu entrei na escola, eu de verdade não gostava de lá e aí eu fui conhecendo os professores e gostei de todos, mas o que mais me impressionou, que eu mais gostei foi o de geografia o professor mais legal de lá é o quinto que ele dá aula lá e de um modo que gente possa entender e gostei muito dele de mais sem palavras para dizer o quinto eu amo esse professor.

Ele briga bem mais é pro meu irmão porque ele gosta de briga sabe que podemos melhorar toda vez mais, esse ano de 2019 foi um ano que me marcou muito que tive muitos momentos ruins e bons, e quando entrei na escola me senti estranha e aí conheci o professor da minha matéria favorita a geografia. Esse ano tivemos muitas aulas de vídeos e acho elas tem um significado pra mim, todas as aulas, como a aula que o professor pediu para falarmos nossas coordenadas geográficas foi muito bom, também tem uma vez pouco tempo foi no dia que fomos pra sala de vídeo foi muito legal o vídeo era sobre mais eu aprendi coisas que eu não sabia a que era possível e o professor me ensinou que nem tudo é possível mais a acreditar é.

Produção textual de estudante da turma 1.



Cronograma do quarto Momento Pedagógico-Avaliativo

SEMANA 1	01 TEMPO	Análise do processo avaliativo junto aos estudantes.
	02 TEMPOS	Aula expositiva sobre os movimentos da Terra e fusos horários utilizando o livro didático.
SEMANAS 2 E 3	02 TEMPOS	Analisando o livro didático, revisitar a ideia de paisagem e abordar o relevo e seus agentes de formação – internos e externos.
	02 TEMPOS	Apresentação de dois documentários sobre fenômenos naturais.
	02 TEMPOS	Concepção de mapas temáticos. Atividade relacionando mapas temáticos distintos. Desenvolver a construção de referências cartográficas.
SEMANA 4	03 TEMPOS	A partir de modelos de mapas físicos com folhas de espuma (EVA), utilizar cores e a textura em alto-relevo para ampliar as possibilidades pedagógicas com interação visual e tátil.
SEMANA 5	01 TEMPO	Considerações dos estudantes sobre a atividade interativa com mapas.
	02 TEMPOS	Culminância avaliativa do MPA.
SEMANA 6	02 TEMPOS	Entendimento sobre como os diferentes lugares do mundo são afetados pelos fenômenos naturais a depender de suas localizações.
	01 TEMPO	Breve narrativa de como seria viver no lugar escolhido como instrumento de debate.
SEMANA 7	01 TEMPO	Retrospectiva do ano geográfico.
	02 TEMPOS	Atividade de produção de sentido com evocação de palavras.

7

SIGNIFICANDO O APRENDIZADO: POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DA SEQUÊNCIA PEDAGÓGICA E AVALIATIVA A PARTIR DO OLHAR DOS ESTUDANTES

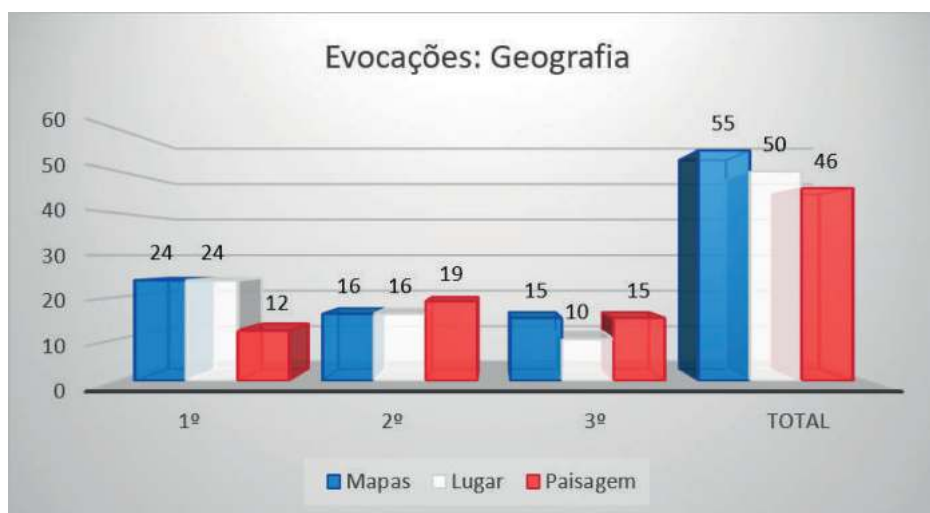
Com o intuito de analisar o potencial dessa prática na produção de sentidos dos discentes, foi aplicado um Teste de Associação Livre de Palavras (TALP). Para isso, foram escolhidos quatro termos pertinentes à pesquisa – geografia, lugar, escola e sala de aula – e os estudantes deveriam registrar as três primeiras palavras que pensaram ao ouvi-los. Na realização da atividade, cada um dos termos foi apresentado de forma separada, na ordem registrada anteriormente.

A intenção foi gerar informações a fim de interpretar possíveis produções de sentido por parte dos estudantes e avaliar o alcance das ações pedagógicas realizadas. A ação pode ajudar a relacionar ainda mais a prática ao assimilado e representado pelos estudantes, observando avanços e permanências na aquisição de conhecimentos. As palavras evocadas também podem dialogar com temas como **Geografia, Lugar, Escola e Sala de aula** sob o prisma adotado no trabalho. Ou seja, como se deu o ensino de Geografia a partir do **Lugar**,

ou de que forma a **Escola** foi significada, e como isso pode dialogar com teorias.

A atividade teve início com a palavra “Geografia” norteando as produções de sentido dos alunos e alunas. O gráfico abaixo mostra que a clássica associação entre **Geografia** e **mapas** pareceu se confirmar dentro do universo desta pesquisa. Não muito distantes, os conceitos de **Lugar** e **Paisagem** aparecem em seguida. Vale observar que, dentre as duas primeiras escolhas desta categoria, os termos **mapas** e **lugar** empatam na primeira e na segunda posição.

Diante das respostas, mostra-se positivo o surgimento do termo **lugar** quase de forma equivalente a **mapas**, o que pode indicar efeitos da colocação desse termo como central nas ações pedagógicas executadas durante a SPA. Mesmo estando em terceiro lugar no somatório desta categoria, o termo **paisagem** foi o mais lembrado na segunda posição.



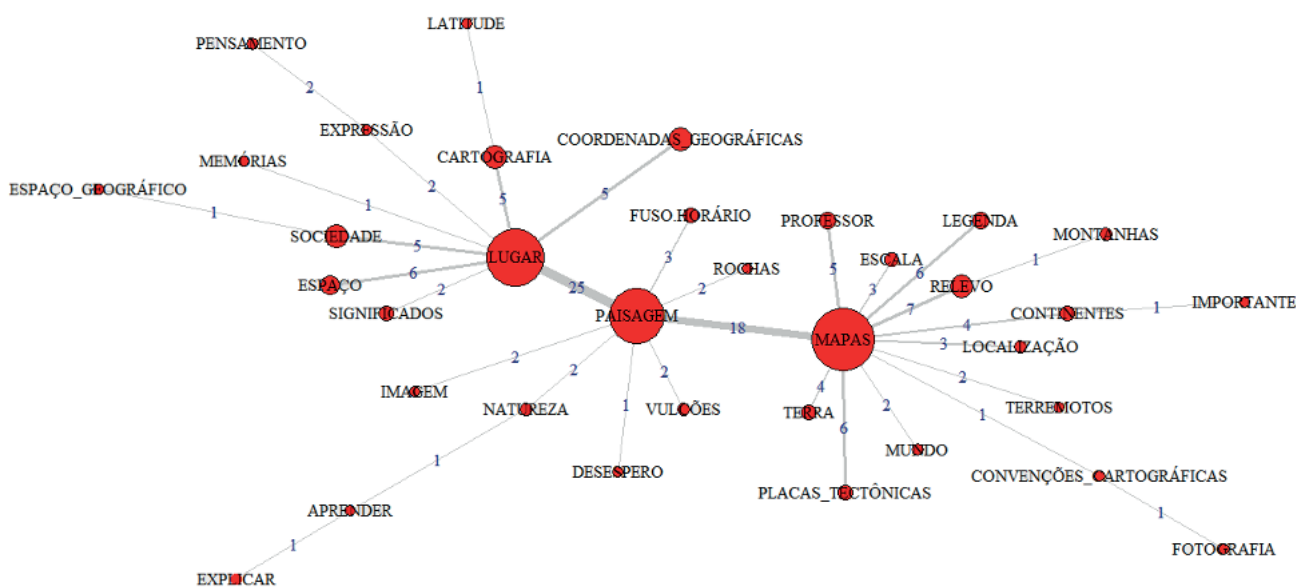
Sob um olhar mais detalhado, a análise de similitude por coocorrência da palavra **Geografia** permite notar que, de forma geral, a produção de sentidos está estruturada em duas palavras principais: **lugar** e **mapas**. Em segundo plano, mas com a relevância de ligar as partes do polo de sentidos, aparece a palavra **paisagem** que se conecta mais fortemente a **lugar** do que a **mapas**.

Visto mais de perto, o termo **mapas** também gera produção de sentidos ao ser relacionado de forma significativa com palavras abordadas em sala durante o terceiro e quarto MPA's, como **relevo, placas tectônicas, legenda, professor** e (planeta) **Terra**. Houve também outras conexões menos intensas com vocábulos trabalhados em sala nos dois últimos MPA's. Foram eles: **escala, localização, terremotos e convenções cartográficas**. Também se configurando como um polo de sentidos, o lugar se junta a outros termos como **espaço, sociedade, cartografia e coordenadas geográficas**. Mesmo compreendendo que, teoricamente, os dois últimos teriam mais proximidade com **mapas**, a associação

de **cartografia e coordenadas geográficas** ao termo **lugar** pode estar relacionada à mobilização provocada pela atividade na qual os lugares dos estudantes na sala representavam coordenadas geográficas. Além disso, o **lugar** também foi ligado a termos mais subjetivos trabalhados em sala de aula como **significados, memória e expressão**, o que pode sugerir a apreensão dessas concepções por parte de alguns estudantes.

Por sua vez, o termo **paisagem** surge de forma marcante e, assim como o **lugar**, também foi objeto de estudo durante o segundo MPA. Sua presença e posição, possibilitam a inferência de que, para alguns estudantes, o sentido de **paisagem** foi construído e consolidado a partir de **mapas e lugar**. Ao mesmo tempo, é preciso considerar que a compreensão dos termos principais pode ter se tornado mais abrangente com a presença desse termo que pode dar suporte à ao entendimento da Geografia para além dos mapas.

Análise de similitude por coocorrência: Geografia



Dados elaborados pelo autor por meio do programa IRAMUTEQ.

Em seguida, foi a vez da palavra **lugar** com a confirmação da **casa** como mais importante e representativa na concepção dos educandos. Apesar da segunda posição na contagem total, a **escola** lidera entre as segundas e terceiras escolhas, evidenciando-se como

componente do cotidiano dos discentes. O aparecimento da palavra **significado** entre as menções dos estudantes é representativo como primeira menção, podendo sugerir algum nível de compreensão das subjetividades do lugar por parte dos estudantes.

LUGAR



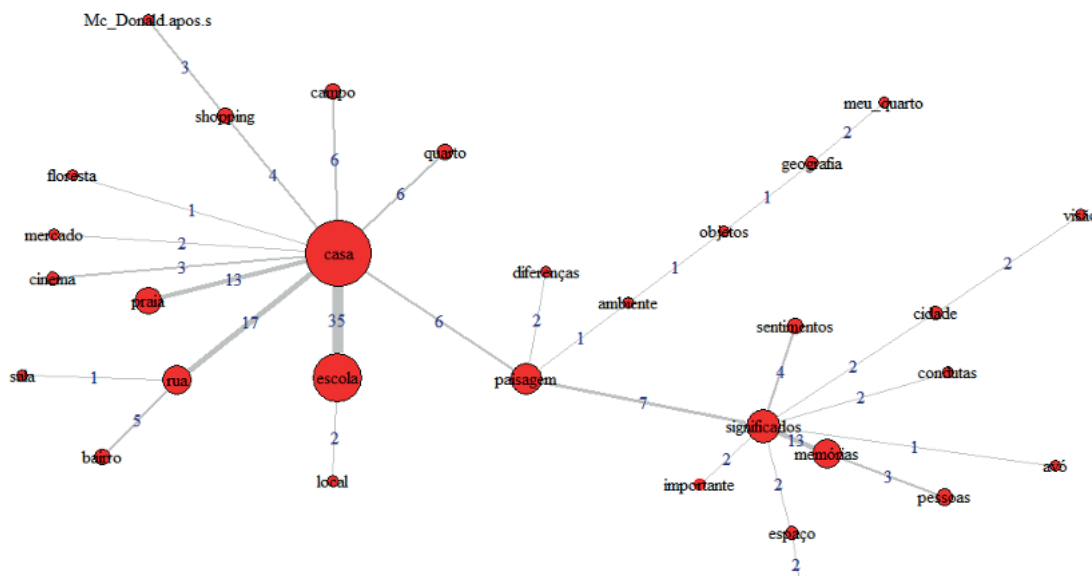
A análise de similitude das palavras evocadas a partir do termo **lugar** confirma a centralidade da **casa** na produção de sentidos dos estudantes sobre **lugar**, o que pode indicar uma base de pertencimento ao pensar em **lugar**. A **casa** apresenta ainda uma conexão acentuada com a **escola** além de outros lugares de convívio mais imediato e constante, como **rua** e **praia**. Ainda nessa linha, **quarto**, **campo** e **shopping** permeiam, de maneira mais tímida, mas ainda relevante, os pensamentos dos estudantes, o que pode indicar a predominância de uma concepção mais objetiva de lugar enquanto espaço habitado.

O surgimento da palavra **significados** pode revelar a produção de um polo de sentidos

na construção de uma visão simbólica do **lugar** por parte de alguns estudantes. Essa inferência se baseia nas **conexões** estabelecidas com termos mais próximos às subjetividades como **memórias**, **sentimentos**, **importante** e **condutas**.

Mesmo que não tenha aparecido com destaque quantitativo, o termo **paisagem** surge como uma conexão entre objetividade e subjetividade, perpassando desde o pertencimento até o simbólico. Essa visão é reforçada pela associação da **paisagem** a **diferenças** e **ambiente**, o que pode indicar o entendimento da paisagem como elemento abrangente, que pode ser representado de forma objetiva ou subjetiva.

Análise de similitude por coocorrência: Lugar



Dados elaborados pelo autor por meio do programa IRAMUTEQ.

No gráfico abaixo, nota-se que, dentre os termos que mais foram apontados na primeira posição, **professores** tem apenas sete menções. Por outro lado, é o mais lembrado na segunda e terceira posições, ficando em segundo no total de referências sobre escola. A **sala de aula**

completa o trio com maior evidência nas evocações registradas nesta categoria. Na sequência, foi a vez da palavra **escola**. O termo que mais foi citado tanto na primeira escolha, como no total desta categoria, foi direção, com trinta e quatro repetições.

ESCOLA



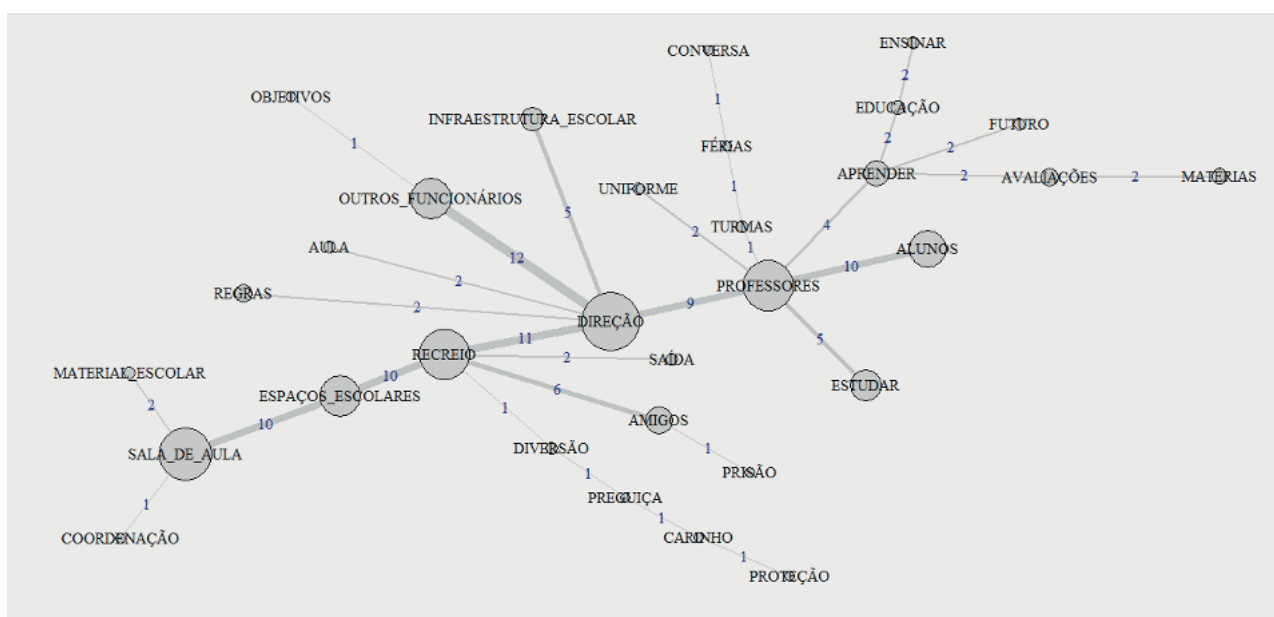
Ao observar a análise de similitude do termo **escola**, torna-se visível a palavra **direção** como polo de sentidos dos estudantes. Em torno de **direção**, orbitam outros termos que se conectam mais fortemente a esse eixo de entendimento, **recreio**, **professores** e **outros funcionários**. Este último, mesmo não produzindo ramificações, faz parte do universo de sentidos produzidos pelos estudantes acerca da escola. Além destes, a **infraestrutura escolar** e as **aulas** também foram lembradas nessa rede de conexões.

Em ambos os termos secundários é possível identificar ramificações que, mesmo em menor grau, permeiam a ideia dos estudantes sobre a escola. Muito citada, a palavra **recreio** também revela ligações com outros **espaços escolares** como, **quadra**, **secretaria**, **biblioteca**, **sala dos professores** ou **sala de vídeo** que, para além da **sala de aula**, foram agrupados em um único termo, considerando-os como espaços onde, em geral, se estabelecem dinâmicas diferentes das praticadas em sala de aula. Além desses espaços, o **recreio** aparece conectado a elementos que soam como positivos, como

amigos, **saída** e **diversão**, podendo sugerir alguma satisfação dos estudantes em ocupar esses outros **espaços escolares**. Espaços estes que se mostraram diretamente associados à própria **sala de aula** através de significativa quantidade de conexões. Já mais distante de **recreio**, houve a ocorrência de termos que poderiam traduzir sensações proporcionadas pela escola, como **prisão**, **preguiça**, **carinho** e **proteção**.

Terceiro mais citado nas evocações sobre **escola**, o termo **professores** também se mostrou diretamente ligado à **direção**, porém em menor grau. As ramificações produzidas apontam para uma ligação mais forte a **alunos**, mas também abrangem outros elementos do processo de ensinoaprendizagem, como **estudar**, **aprender** e **regras**. Ainda houve desdobramentos em **aprender**, que se revelou ligado à **educação** e **futuro**. Uma aproximação com estes dois termos pode ocorrer através da sensação de realização, também relacionada à palavra **objetivos** que surge associada a **regras**.

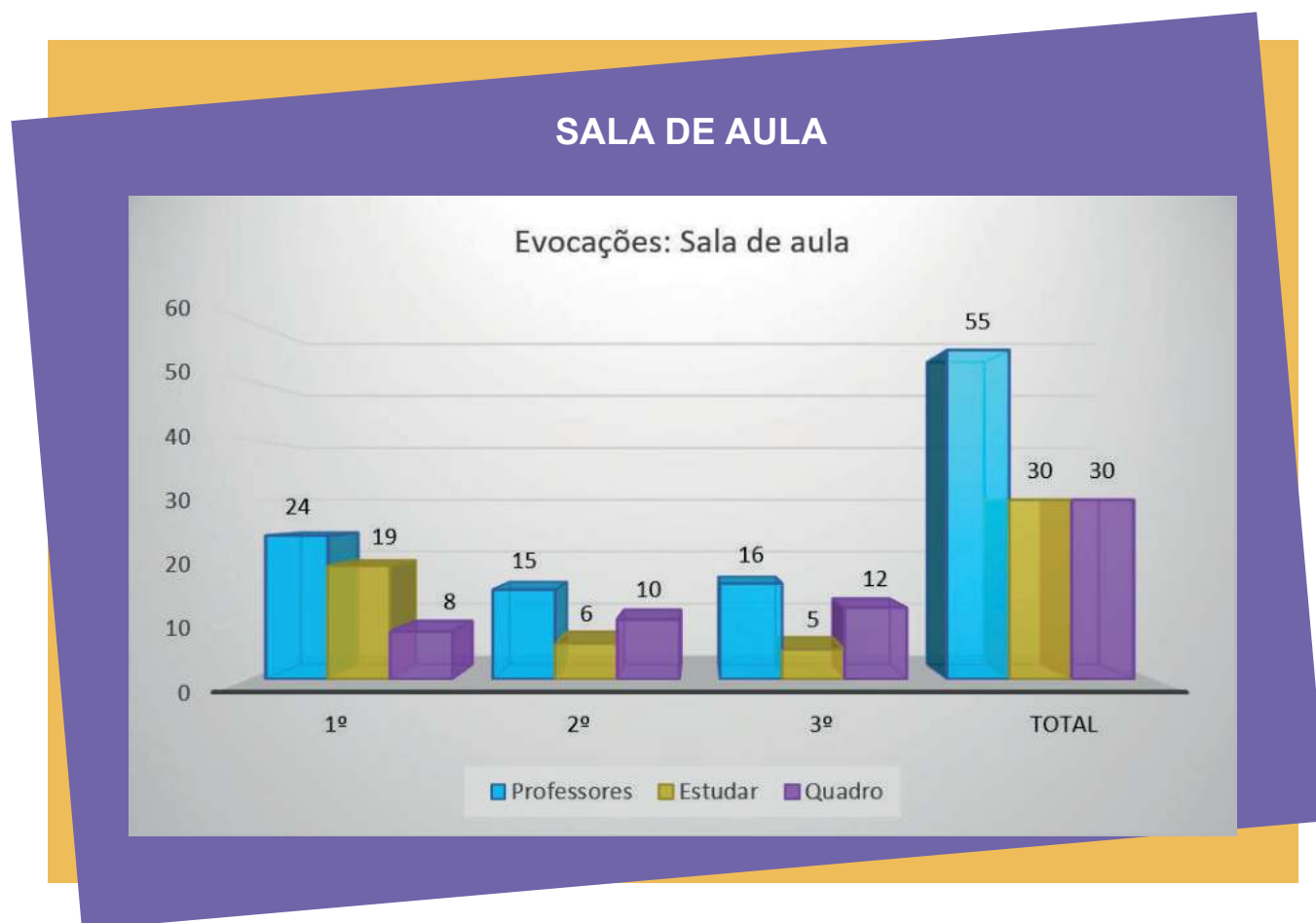
Análise de similitude por coocorrência: Escola



Dados elaborados pelo autor por meio do programa IRAMUTEQ.

A seguir, o gráfico mostra que a interpretação das referências feitas à **sala de aula** pode nos remeter de forma objetiva a elementos do cotidiano escolar. Entretanto, é simbólica a associação à figura docente (**professores**) tanto na categoria **Sala de aula**, como na contagem geral. Além disso,

um outro dado é o fato de ser o único termo – dentre todas as categorias – a possuir o maior quantitativo de evocações tanto na primeira, quanto na segunda e terceira posições. O **quadro** completa o trio mais evocado, revelando um conhecido trio na Educação.



A análise de similitude por coocorrência das evocações sobre **sala de aula** indica que a produção de sentidos dos estudantes está centralizada na figura dos **professores**. Essa inferência se baseia na quantidade de conexões estabelecidas a partir do polo de sentidos que, em maior ou menor intensidade, abrangem diferentes elementos da sala de aula. Os termos que se conectam a **professores** de forma mais acentuada são **alunos, quadro, estudar** e **amigos**. Cabe ressaltar que, no contexto escolar, segundo os próprios estudantes, **amigos** são alunos, mas nem todos os **alunos** são **amigos**.

A palavra **alunos** foi a que mais foi associada a **professores** e, mesmo não produzindo muitas

ramificações, esteve ligada a termos que também invocam a relação discente – docente, como **prova** e **mural**. Outra palavra do trio, o **quadro** também está presente na relação citada anteriormente e invoca outros objetos do cotidiano escolar, como **caderno** e **ar-condicionado**.

Apesar de apresentar um grau de ligação com **professores** um pouco menor, as palavras **estudar** e **amigos** foram cercadas de uma maior variedade de vínculos. **Estudar** foi associado à **educação** e seus subtemas como **material escolar** e **avaliações**, além do famigerado **recreio**. Vale salientar o surgimento dos termos **lugar** e,

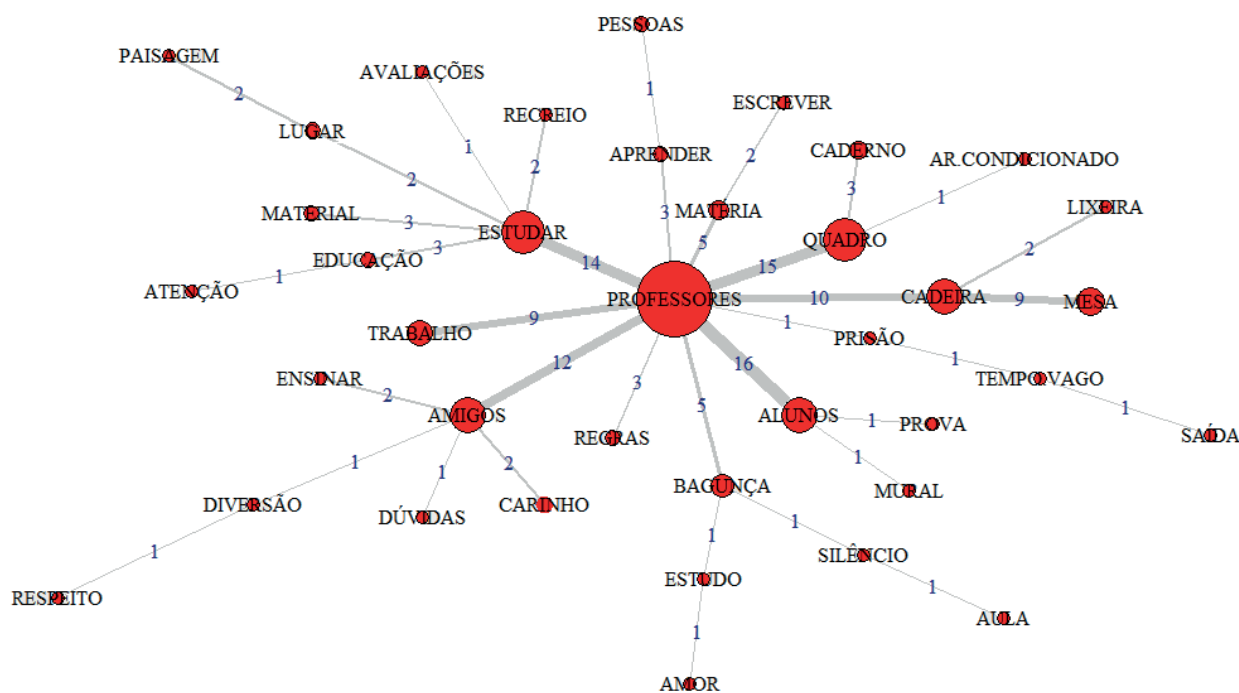
conectado a ele, **paisagem**. Mesmo que não seja possível afirmar, existe a possibilidade desse registro ser fruto dos desdobramentos da SPA em relação a esses temas.

Como afirmado anteriormente, a palavra **amigos** não apenas se conectou significativamente ao polo de sentidos, como também gerou ramificações que podem indicar a compreensão de que o ato de **ensinar** passa por algo entre **carinho**, **dúvidas**, **diversão** e **respeito**. Além disso, existem ainda duas outras conexões junto a **professores** de quantitativo

relevante que podem ou não se complementar. Isso porque **cadeira** pode ser a do próprio aluno ou, no caso de ser dos **professores**, indicar alguma falta de iniciativa docente.

Também diretamente ligada a professores, a **bagunça** pode sugerir um entendimento de que as ramificações representam os contextos que podem ser influenciados por ela. Diante de **estudo**, **silêncio** e **aula**, a ideia de **bagunça** pode soar antagônica, mas, ao adicionar **amor** a essa mistura, talvez o resultado não seja tão contraditório.

Análise de similitude por coocorrência: Sala de aula



Dados elaborados pelo autor por meio do programa IRAMUTEQ.

Na apresentação da proposta aos estudantes, a avaliação foi apontada como um dos obstáculos escolares, considerando a constante expectativa sobre estar ou não aprovado(a) ao fim do ano letivo. Assim, tal aspecto normativo do processo avaliativo também possui sua relevância na análise da pesquisa. Isso pode ser observado, uma vez que a situação final implica diretamente no prosseguimento da trajetória escolar do estudante e, conseqüentemente, nas representações sobre a escola e a sala de aula.

O processo avaliativo foi fundamental no envolvimento dos estudantes na pesquisa. Vale ressaltar que a construção contínua do momento avaliativo – tido como algo habitualmente tenso, isolado e questionador – tem início na concordância de alunas e alunos em participarem da pesquisa. Não menos valiosas foram as manifestações de suas inseguranças acerca do processo avaliativo escolar. Dessa forma, a elaboração dos métodos avaliativos foi concebida a partir de acordos e da observação das necessidades discentes.

Em números absolutos, os gráficos a seguir mostram os estudantes das cinco turmas divididos, quantitativamente, em dois grupos: com média bimestral maior ou igual a cinco e com média bimestral menor que cinco. Tanto na tabela quanto no gráfico, é possível perceber a representatividade do grupo de educandos que não obteve

média mínima no primeiro MPA, expondo certo desequilíbrio nas habilidades de escrita e leitura, além dos temas geográficos. A quantidade significativa de estudantes nessa situação fortaleceu a parceria entre o apelo discente frente a desafios avaliativos e o valor de sua participação no aprimoramento do processo pedagógico.

Percentual dos resultados por turma em relação à média do primeiro MPA

Turma	Média > ou = 5,0	Média < 5,0
1	61%	48%
2	42%	57%
3	54%	45%
4	50%	50%
5	50%	50%

MÉDIAS – PRIMEIRO MPA



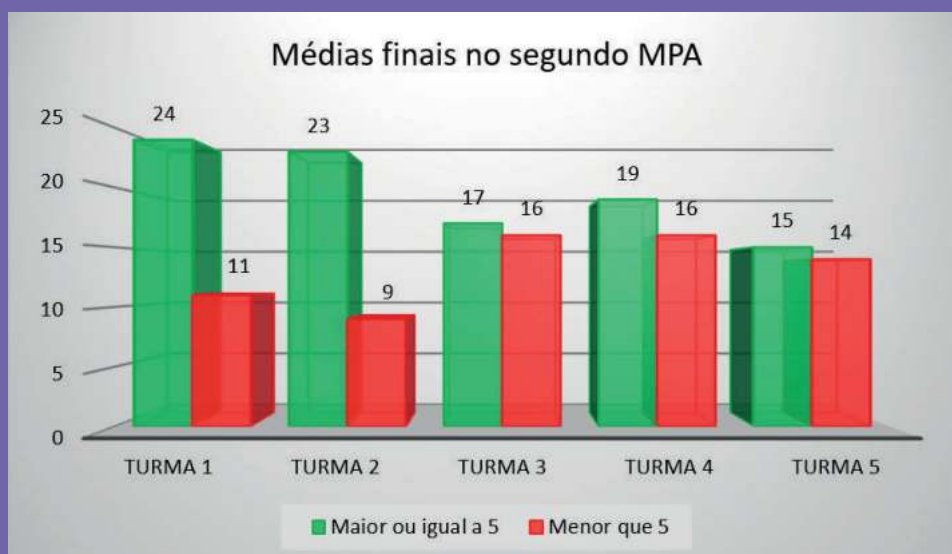
Durante o segundo MPA, o conceito de lugar foi relacionado a temas como paisagem e espaço geográfico. A preparação dos trabalhos para a Feira Cultural contribuiu para a interação e o diálogo, permitindo ampliar as discussões sobre a concepção do lugar. Os desafios presentes no processo de desenvolvimento da autonomia e da organização coletiva produziram diferentes aproveitamentos entre as turmas, mostrando a necessidade de propor formas mais elementares de par-

ticipação e interação interpessoal entre os estudantes. A tabela e o gráfico devem ser interpretados a partir do fato de que nas turmas 1 e 2 – turno da manhã – houve uma mobilização envolvendo a maioria dos estudantes. Entretanto, nas turmas 3, 4 e 5 – turno da tarde – as estratégias adotadas não surtiram o mesmo efeito no engajamento coletivo. Apesar disso, é possível identificar uma diminuição no percentual de estudantes com média inferior a 5,0 em relação ao primeiro MPA.

Percentual dos resultados por turma em relação à média do segundo MPA

Turma	Média > ou = 5,0	Média < 5,0
1	68%	31%
2	71%	28%
3	51%	48%
4	54%	45%
5	51%	48%

SEGUNDO MPA



No terceiro MPA, foi necessário recuperar as conversas sobre o processo avaliativo e propor atividades interativas e colaborativas para o desenvolvimento desses aspectos. Sob o ponto de vista pedagógico, é possível afirmar que foi, até então, a etapa mais rica em termos

de construções pedagógicas em sala de aula no sentido da participação coletiva e estabelecimento do diálogo. Entretanto, tais condições não produziram efeitos imediatos nas médias bimestrais, como é possível observar na tabela e no gráfico – com exceção da turma 4.

Percentual dos resultados por turma em relação à média do terceiro MPA

Turma	Média > ou = 5,0	Média < 5,0
1	48%	51%
2	51%	48%
3	50%	50%
4	71%	28%
5	48%	51%

TERCEIRO MPA



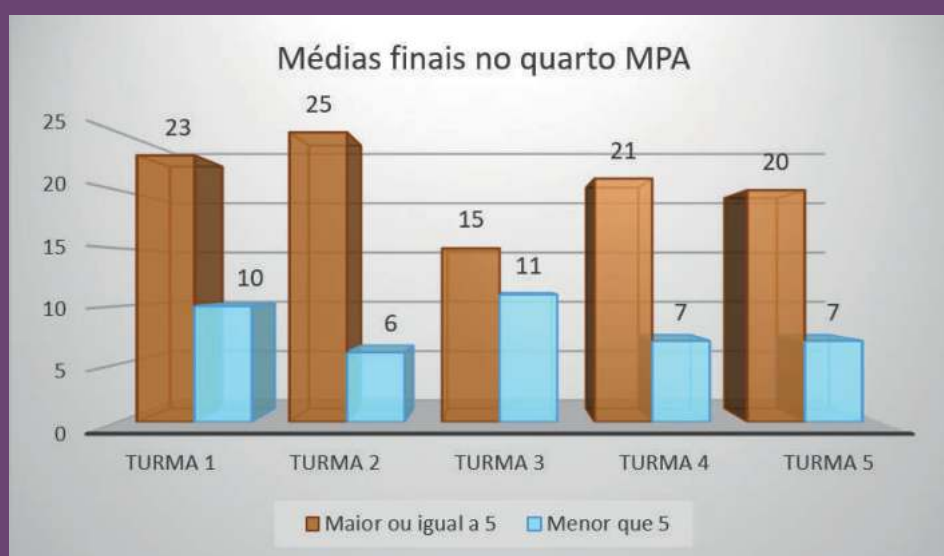
O quarto e último MPA mostrou-se eficiente no sentido de atrair a atenção dos educandos por intermédio de documentários sobre fenômenos naturais e atividades com mapas temáticos. Além disso, a dinâmica avaliativa do terceiro MPA inspirou a culminância avaliativa, proporcionando maior confiança e naturalidade na sua realização. A tabela e o gráfico mostram que o aproveitamento pedagógico

alcançado em sala de aula e o rendimento dos estudantes em relação à média bimestral se apresentaram de forma semelhante após o derradeiro MPA. Além dos dados do gráfico, a afirmativa se sustenta nas experiências cotidianas de construção dos conhecimentos e das relações interpessoais cotidianas que, em diversos momentos, se sobrepuseram às adversidades encontradas.

Percentual dos resultados por turma em relação à média do quarto MPA

Turma	Média > ou = 5,0	Média < 5,0
1	69%	30%
2	80%	19%
3	69%	30%
4	75%	25%
5	74%	26%

QUARTO MPA



8

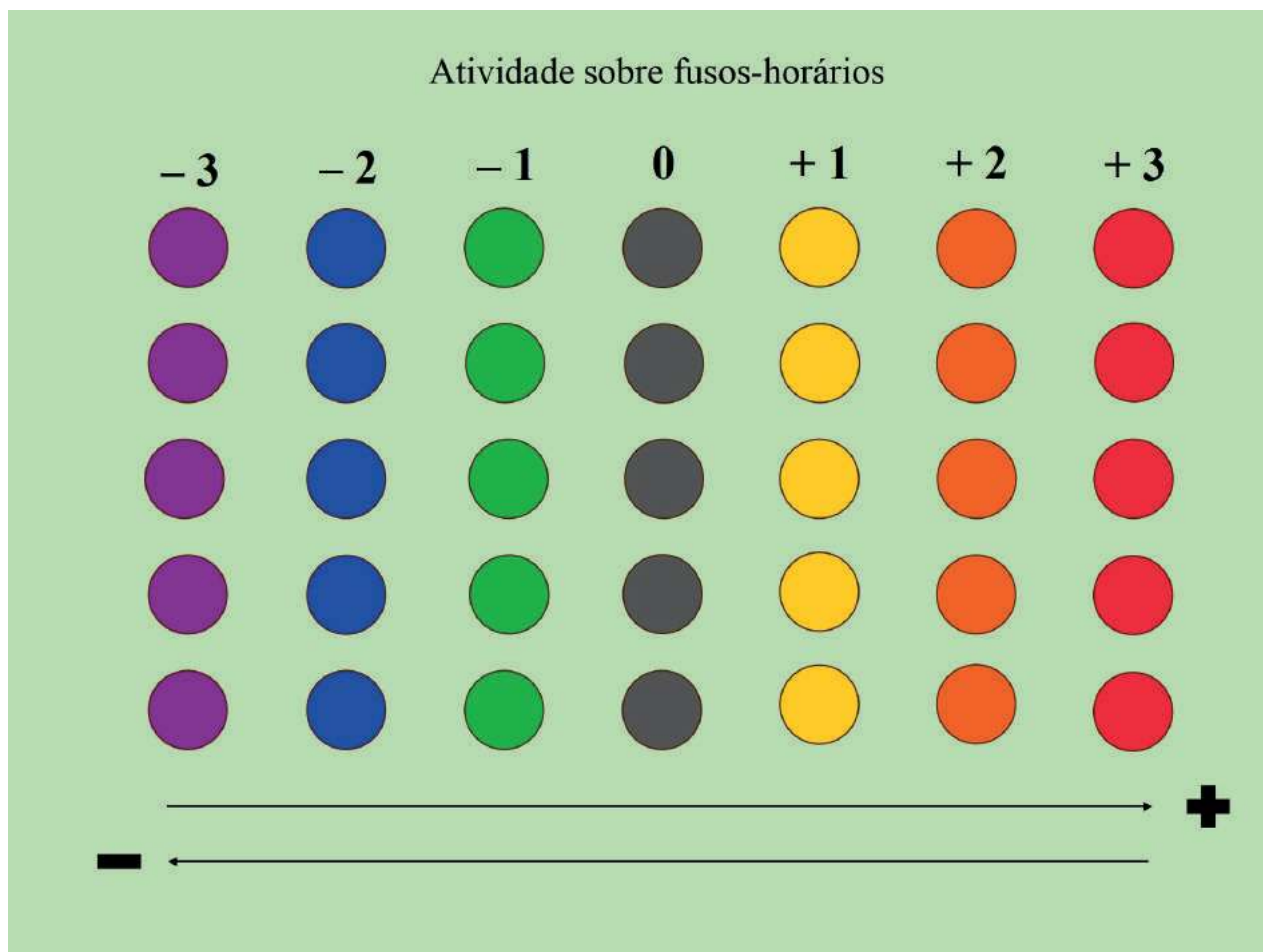
INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Além do formato original, a Sequência Pedagógica e Avaliativa apresentada neste livro pode ser reproduzida de diferentes formas. Tanto o conceito-chave, quanto a cronologia das etapas podem ser modificados, visando adaptações a outras abordagens pedagógicas.

Termos como, por exemplo, espaço ou paisagem são capazes de assumir a centralidade dada ao lugar na proposta. Da mesma forma, existe a possibilidade de trabalhar os temas cartográficos anteriormente às subjetividades do conceito-chave escolhido. Essa flexibilidade se sustenta na perspectiva humanística da proposta que valoriza o olhar discente na construção das práticas pedagógicas compatíveis

com o entendimento dos estudantes. Assim, ao ser levada em consideração, a premissa do diálogo entre os principais envolvidos no processo de ensinoaprendizagem pode validar tais caminhos.

Nesse sentido, a figura a seguir representa uma proposta de atividade pensada pelos estudantes durante as conversas sobre fusos-horários. No entanto, por não ter sido possível incluí-la no cronograma, não fez parte da SPA. Para sua realização, a organização da sala de aula deve possuir as mesas e cadeiras alinhadas, formando linhas e colunas entre si, assim como na ação que baseou a culminância avaliativa do terceiro MPA – atividade com Coordenadas Geográficas.



Novamente, cada círculo representa um lugar na sala de aula. Porém, desta vez, a intenção não é encontrar uma coordenada, mas reconhecer a diferença entre os fusos-horários dos territórios a partir de suas localizações, onde cada estudante representa um lugar inserido em alguma faixa de fuso-horário. A atividade consiste em determinar a hora correta de um território a partir da hora marcada em local com fuso diferente. Por exemplo, o professor escolhe um estudante, aleatoriamente, que deve informar um horário hipotético para o seu território. Com base nessa informação, é escolhido um outro aluno para calcular a hora correta em sua faixa de fuso a partir da informação dada pelo colega anterior.

Essa ação pode contribuir para a construção de conhecimentos de outros temas relacionados a fusos-horários, como o movimento de rotação da Terra, assunto compartilhado com a disciplina de Ciências. Além disso, trabalha operações de

soma e subtração com números positivos e negativos, dialogando também com a Matemática. Cabe ressaltar o valor atribuído durante toda a SPA a aspectos da Língua Portuguesa, como leitura e interpretação, além da oralidade e escrita. Tal cuidado se mostrou favorável para os registros individuais e interações coletivas. Na mesma proporção, a História teve papel fundamental nas discussões sobre mudanças na paisagem e no espaço, como também nas concepções sobre o lugar, a escola e a sala de aula.

Essa abordagem demonstra algumas possibilidades de interagir com outros componentes curriculares, a fim de contextualizar os temas a serem apresentados da maneira mais adequada à realidade vivenciada. Portanto, é preciso analisar as demandas pedagógicas de docentes e discentes para que seja possível mensurar o grau de contribuição que a SPA pode oferecer a partir de sua aplicação integral, parcial ou adaptada.



9

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa que deu origem a este livro teve como principal objetivo propor e analisar o desenvolvimento de prática docente e de processo avaliativo baseados em perspectiva **humanística** para o Ensino de Geografia, com base numa Sequência Pedagógica e Avaliativa no sexto ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal do Rio de Janeiro. Diante disso, é possível afirmar que este objetivo foi atingido com a elaboração e a realização da SPA. Esta, por sua vez, foi estruturada com base no **conceito-chave “lugar”** que foi utilizado para conectar os temas abordados nos quatro Momentos Pedagógicos-Avaliativos.

Como mencionado, a **suposta simplicidade atribuída ao lugar** foi aliada da pesquisa no sentido de abrir caminhos para o diálogo. Porém, com a continuidade da SPA foi possível notar **avanços** e uma maior participação dos estudantes ao trabalhar com as **subjetividades também presentes na concepção de lugar**. Essa participação tem início nas conversas iniciais sobre Geografia, escola e sociedade que revelaram, de maneira geral, certo desconforto

por parte dos estudantes em relação aos processos avaliativos e seus efeitos na significação da escola e da sala de aula.

O envolvimento dos educandos não foi apenas fruto das metas estabelecidas. Isso porque, eventualmente, ele pode surgir diante de qualquer iniciativa pedagógica, servindo como combustível para o engajamento de outros alunos. Da mesma forma que os objetivos se mostraram facilitadores para o envolvimento dos estudantes nas propostas pedagógicas e avaliativas, os mesmos não poderiam ser alcançados sem o **comprometimento e participação dos estudantes**.

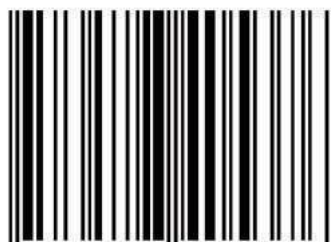
Apesar de ter sido elaborado a partir da perspectiva de um trabalho com alunos, o produto é centrado na figura do docente, enquanto mediador do processo de ensinoaprendizagem. Isso porque, em linhas gerais, este livro se propõe a estimular a investigação, por parte dos docentes, acerca das demandas pedagógicas dos estudantes e o que pode ser feito para amenizá-las, na intenção de um ambiente escolar cada vez mais inclusivo.





ISBN: 978-65-88405-37-6

QR



9 786588 405376